



UnB

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

RHAYNARA MORAIS DE ALMEIDA SANTOS

ENTRE A MORTE DO CORPO E DO ESPÍRITO: a relação entre o suicídio e o
desespero a partir de *A doença para a morte*

BRASÍLIA-DF

2024

RHAYNARA MORAIS DE ALMEIDA SANTOS

ENTRE A MORTE DO CORPO E DO ESPÍRITO: a relação entre o suicídio e o
desespero a partir de *A doença para a morte*

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia da Universidade de Brasília, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Gimenes de Paula

BRASÍLIA-DF

2024

CIP - Catalogação na Publicação

S237e Santos, Rhaynara Morais de Almeida .
ENTRE A MORTE DO CORPO E DO ESPÍRITO: a relação entre o
suicídio e o desespero a partir de A doença para a morte /
Rhaynara Morais de Almeida Santos; orientador Marcio
Gimenes de Paula. -- Brasília, 2024.
45 p.

Monografia (Graduação - Filosofia) -- Universidade de
Brasília, 2024.

1. Filosofia Kierkegaardiana. 2. Desespero existencial .
3. A doença para a morte . 4. Filosofia e Suicídio . I.
Paula, Marcio Gimenes de, orient. II. Título.

RHAYNARA MORAIS DE ALMEIDA SANTOS

ENTRE A MORTE DO CORPO E DO ESPÍRITO: a relação entre o suicídio e o
desespero a partir de *A doença para a morte*

Monografia apresentada ao Departamento de
Filosofia da Universidade de Brasília, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Gimenes de Paula

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos Aurélio Fernandes (FIL e PPG-FIL/UnB)

Prof.^a Dra. Myriam Moreira Protásio (UERJ)

BRASÍLIA – DF

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço a mim, Rhaynara Morais, por deixar cair o peso das idealizações e fantasias alheias, por tentar ser congruente com quem eu sou e por ter realizado todas as pequenas e grandes escolhas que me encaminharam até aqui.

Agradeço ao meu companheiro por ser um lar em forma de pessoa, por me acolher, me sustentar, me amar e me amparar voluntariamente em todas as circunstâncias e por ser o meu apoio em cada sábia ou tola decisão.

Agradeço a minha irmã por me ensinar a ver a beleza que habita na imperfeição, a ver a força que habita no pedido de ajuda e a compreender que é difícil ser quem se é, mas é ainda mais difícil não o ser.

Agradeço a minha mãe por me trazer a um mundo complicado, belo, hostil e repleto de incríveis possibilidades. Agradeço pelo amor, pelo aprendizado, pela companhia e pela potência que emana de sua existência.

Agradeço ao meu pai por me ensinar o valor enorme da palavra e o poder infinito do silêncio, pela presença constante em minha vida e por me transmitir a herança da paixão filosófica, mas acrescida de um intestino ruim.

Agradeço a todos os professores que me impulsionaram desde o Ensino Fundamental e que fizeram a diferença durante a minha caminhada educacional. Agradeço especialmente ao meu orientador por me mostrar a existência de uma filosofia até então desconhecida e iluminar o meu caminho até o seu encontro.

Agradeço ao Universo, que em sua infinita beleza, grandiosidade e complexidade comporta seres pequenos e cheios de sonhos, como eu e todas as pessoas pelas quais sou grata.

“O viajante tem, apesar de tudo, o consolo da paisagem, cuja aparência se vai invariavelmente modificando aos seus olhos, e o fato de que em cada uma dessas modificações pode ter a esperança de encontrar uma saída; mas aquele que se perde em si próprio não tem um tão amplo terreno por onde guiar os seus passos; brevemente se dá conta de estar fechado num círculo de onde lhe é impossível fugir.”

(Søren Kierkegaard)

RESUMO

A presente monografia trata da relação entre o suicídio e o desespero na obra kierkegaardiana *A doença para a morte*. Para tanto, foi sucedida uma pesquisa de caráter bibliográfico, que abrange fontes secundárias para a fundamentação da argumentação presente no projeto, assim como, uma análise aprofundada sobre a principal obra perscrutada. O interesse pela temática encontra-se alicerçado na importância que Kierkegaard ainda exerce na contemporaneidade para a produção de reflexões de caráter existencial, seja na filosofia ou fora desta, atravessando o campo da psicologia e das ciências humanas. Além disso, o suicídio persiste como uma questão intrincada que carece do esforço filosófico em ponderar a valoração da vida individual, aspecto pouco explorado na literatura levantada a partir da perspectiva kierkegaardiana. Dessa forma, objetivou-se elucidar a conexão entre o desespero enquanto uma enfermidade mortal e a morte autoinfligida, o que se mostrou um laço indissociável entre o desejo de morrer representado pela ideação suicida e o caráter inescapável da vida, sendo esta a persistência do espírito. Por fim, foi desvelado o aprofundamento subjetivo contido na obra através da necessidade persistente do indivíduo em tornar-se si mesmo e apropriar-se de sua própria identidade, o que ocorre por meio de um caminho particular e inalienável em direção à cura da enfermidade do espírito.

Palavras-chave: Suicídio; Desespero; *A Doença Para A Morte*; Si-mesmo; Kierkegaard; Subjetividade.

ABSTRACT

This monograph delves into the relationship between suicide and despair in Kierkegaard's work *The sickness unto death*. For this purpose, a bibliographic research was conducted, encompassing secondary sources to underpin the argumentation presented in the project, as well as an in-depth analysis of the main work scrutinized. The interest in the theme is grounded in the enduring relevance of Kierkegaard's contributions to contemporary existential reflections, spanning the fields of philosophy, psychology, and the humanities. Moreover, suicide remains a complex issue that demands philosophical inquiry into the valuation of individual life, a topic scarcely explored in the literature surveyed on the kierkegaardian perspective. Thus, the objective was to elucidate the connection between despair as a mortal illness and self-inflicted death, revealing an inseparable bond between the desire to die represented by suicidal ideation and the inescapable nature of life, characterized by the persistence of the spirit. Finally, the subjective deepening contained in the work was revealed through the individual's persistent need to become self and appropriate his own identity, which occurs through a particular and inalienable path towards the cure of the sickness of the self.

Key Words: Suicide, Despair, *The Sickness Unto Death*; Self; Kierkegaard; Subjectivity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESESPERO, A DOENÇA PARA A MORTE.....	11
3. SUICÍDIO, O AGRAVAMENTO DO DESESPERO	19
4. SUICÍDIO NA HISTÓRIA, DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES	26
5. A CURA É POSSÍVEL?	36
6. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44

1. INTRODUÇÃO

O suicídio permanece, até os dias atuais, como uma questão de difícil compreensão, que evoca debates multidisciplinares e requer o esforço humano de compreender a valoração de sua própria vida. Albert Camus (2022, p.19) já afirmara de maneira enfática que o suicídio é a verdadeira indagação pela qual a filosofia deveria se debruçar, afinal “julgar se a vida merece ou não ser vivida [...]” permanece como um dilema que ultrapassa as investigações técnicas e científicas, atingindo o âmago da experiência humana quando confrontada com o anseio de não mais viver. Assim, o suicídio ergue-se como um enigma que aparenta transcender os limites do entendimento humano, uma encruzilhada na qual a vida e a morte se encontram e lançam um desafio profundo à própria razão da existência. Este fenômeno convoca o indivíduo a mergulhar nas profundezas da psicologia humana, buscando investigar o desespero que tece o interior daqueles que deliberadamente tiram a sua própria vida, sendo essa uma ação individual, mas que ressoa dentro do tecido social em que se inscreve.

Nesta busca pela compreensão daquilo que ainda parece ser inexplicável, faz-se relevante a proposição de um mergulho na filosofia kierkegaardiana, a qual oferece uma compreensão ímpar do ser humano e, até mesmo, de sua constituição psíquica. Em *A doença para a morte*, Søren Kierkegaard aborda, sob o pseudônimo Anti-Climacus, questões referentes à existência e à construção do eu, o que se realiza através do processo de tornar-se si mesmo. O homem caracteriza-se, então, como “[...] uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese.” (KIERKEGAARD, 2022, p.43). Contudo, a efetivação dessa síntese pode falhar a partir do desequilíbrio entre os seus termos constituintes, o que levaria à emergência do desespero, isto é, a parte basilar da doença para a morte. Nesse sentido, estar doente para a morte seria como padecer ainda em vida sem atingir o encerramento desse ciclo orgânico, pois o espírito é a instância que agoniza, ou seja, o próprio eu.

Dessa forma, a presente pesquisa busca estabelecer uma aproximação entre a enfermidade mortal e o suicídio, este enquanto o encerramento da vida que move o corpo orgânico. Essa correspondência se sucede pela relação de ambos com a morte, embora em perspectivas distintas. Tendo em vista o caráter espiritual do desespero que compõe o si-mesmo, depreende-se que a morte do indivíduo desesperado não solucionaria a sua condição internamente adoecida. Assim, o desespero não é uma questão que pode ser relegada para um momento posterior à morte, sendo um dilema existencial que requer atenção e resolução durante a vida terrena. Sob essa ótica, ao realizar uma leitura kierkegaardiana sobre o suicídio,

este não pode ser descolado do desespero, pois a consecução do ato se enquadraria como uma manifestação amplificada da enfermidade mortal, bem como, uma tentativa deliberada de fugir do seu estado agonizante. Entretanto, essa fuga não lograria êxito e, além disso, intensificaria o sofrimento ao negar radicalmente a própria existência e recusar a busca em direção à cura para a doença do espírito. Da mesma forma, há no desespero um aspecto marcadamente autodestrutivo, o que reside em seu caráter de morte continuada, que se realiza a cada instante em que o mal persiste. Logo, a enfermidade espiritual representa um constante padecimento do si-mesmo, um alheamento do próprio eu que não se acaba enquanto a síntese não é efetivada, aproximando-a ainda mais da experiência suicida.

Por conseguinte, assimilando a dimensão espiritual apresentada por Kierkegaard/Anti-Climacus¹ percebe-se que o suicídio poderia ser visto como um pecado ao adquirir o aprofundamento de uma rebelião diante de Deus, sendo então “[...] o pecado mais decisivo, escapar da existência assim, em rebelião contra Deus.” (KIERKEGAARD, 2022, p.82). A morte autoinfligida mostra-se, então, incompatível sob um panorama religioso e existencial por representar, ao mesmo tempo, um delito contra a figura divina e a impossibilidade de enfrentar a doença que aflige o espírito para tornar-se si-mesmo. Essa concepção apresentada em *A doença para a morte* ora se aproxima, ora se distancia dos múltiplos entendimentos sobre o suicídio que se fazem presentes ao decorrer da história filosófica, sendo este um dos objetos de investigação deste estudo. Dessa forma, a interdição kierkegaardiana à morte voluntária pode ser comparada aos diversos entendimentos sobre o ato que atravessam a Antiguidade, a Idade Média, a Modernidade e até mesmo a Contemporaneidade, sendo possível desvelar os seus afastamentos e as suas aproximações.

Assim, a relevância desta pesquisa justifica-se pelo caráter multifacetado e complexo que o suicídio apresenta para o campo filosófico e para a sociedade. A busca pela compreensão do fenômeno torna-se inexaurível, mas extremamente profícua, uma vez que a temática em questão perdura de maneira latente no corpo social e desafia o próprio sujeito na compreensão de si mesmo. Além disso, tenciona-se perscrutar o desespero existencial, tendo em vista o seu caráter universal e a sua relevância para o processo de tornar-se si-mesmo, o que se encontra intimamente interligado à experiência humana da morte autoinfligida. Dessa forma, é substancial examinar o entendimento de Kierkegaard acerca desses aspectos visto a sua influência na tradição filosófica existencial, sendo um filósofo precursor da investigação

¹Anti-Climacus trata-se do pseudônimo de Kierkegaard que assina as obras *A doença para a morte e Prática do Cristianismo*, publicadas em 1849 e 1850, respectivamente. O perfil de Anti-Climacus corresponde a um indivíduo fortemente cristão, que busca alcançar o cristianismo em seu grau mais elevado.

sobre a existência humana ao preocupar-se com questões referentes à subjetividade e à fé. Apesar da necessidade de considerar as contribuições proporcionadas, posteriormente, ao existencialismo e a outras áreas do saber, torna-se evidente a importância em ultrapassar esse entendimento para compreender a extensão do pensamento de Kierkegaard de forma aprofundada e particular (PERKINS, 1987). Ademais, é notável a carência de estudos que se dediquem especificamente à visão de Kierkegaard sobre a morte autoinfligida e como essa perspectiva se insere em seu pensamento filosófico. Essa constatação na literatura acadêmica sublinha a importância da investigação sobre a problemática aludida, considerando que a filosofia kierkegaardiana oferece arcabouços para uma compreensão distinta da psicologia humana.

Sendo assim, as questões existenciais e filosóficas exploradas pelo filósofo permanecem pertinentes na sociedade contemporânea, em que o enquadramento da vida cotidiana apresenta contornos do desespero existencial. Ao examinar a obra de Kierkegaard à luz dessas questões, é possível perceber a extensão de sua filosofia desempenhando um papel significativo no desenvolvimento de entendimentos psicológicos, mesmo sem situar-se no sentido tradicional da psicologia (KLEMPE, 2017). Destarte, pode-se pensar que o filósofo adiantou a reflexão sobre conceitos da instância psíquica do ser humano que somente anos depois seriam sistematizados em um saber propriamente psicológico, a exemplo da psicanálise freudiana (KLEMPE, 2017). Logo, o interesse em investigar o suicídio e a sua conexão com o desespero dentro da filosofia kierkegaardiana também repousa na importância que o pensador possui até os dias atuais, ainda influenciando na proposição de discussões de caráter existencial e na investigação da subjetividade humana.

No que tange ao objetivo principal do estudo em questão, visa-se investigar o problema do suicídio em *A doença para a morte* e a sua relação com o desespero. Para tanto, alguns objetivos específicos fazem-se presentes, como: compreender o que representa o suicídio para Kierkegaard, analisar a dimensão do desespero existencial na obra aludida, relacionar a presença do desespero no espírito com a possibilidade do suicídio, assim como, contextualizar a interdição kierkegaardiana sobre o suicídio em relação ao contexto histórico de seu pensamento filosófico. Nesse sentido, para suprir a demanda da presente pesquisa de caráter bibliográfico, é adotada uma abordagem filosófica exploratória, visando investigar um problema que, até então, recebera pouca atenção em consonância com o levantamento bibliográfico realizado. Assim, torna-se possível uma compreensão aprofundada sobre o seguinte problema examinado: qual a relação entre o suicídio e o desespero existencial em *A doença para a morte*?

2. DESESPERO, A DOENÇA PARA A MORTE

Em *A doença para a morte*, a questão do suicídio encontra-se entrelaçada de maneira indissociável ao entendimento sobre o desespero e as suas formas, uma vez que a temática da morte voluntária não fora desenvolvida e aprofundada de maneira isolada por Kierkegaard/Anti-Climacus², senão a partir de uma relação anterior com o desespero (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019). Dessa forma, pode-se pensar que a decisão de dar cabo à própria vida é posterior ao estado no qual o indivíduo agoniza em relação ao próprio eu e permanece alienado de seu si-mesmo, seja de forma consciente ou não. Nesse contexto, o desespero configura-se como uma enfermidade que não atinge o corpo, mas se manifesta incisivamente no espírito, sublinhando a necessidade de apreender a formulação antropológica apresentada por Kierkegaard/Anti-Climacus.

A sua caracterização antropológica ultrapassa o dualismo mecanicista assumido pela influência cartesiana e introduz a determinação espiritual no indivíduo, o que transcende a mera junção anímico-corpórea e abarca uma dimensão existencial permeada por aspectos dialéticos (KIERKEGAARD, 2022). O ser humano seria, então, constituído de um espírito representado pelo si-mesmo que, por sua vez, é caracterizado como “[...] uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma.” (KIERKEGAARD, 2022, p.43). Essa ideia sugere que o si-mesmo não pode ser concebido como uma entidade estática e isolada, mas a partir de uma relação dinâmica que está posta em conexão consigo mesma. Assim, há uma constante interação de elementos internos que se relacionam entre si, com a própria relação estabelecida e com o poder transcendente que a estabeleceu, o que implica um incessante movimento de autorrelacionamento do eu.

Da mesma forma, o indivíduo pode ser compreendido como uma síntese entre termos dialéticos que se encontram em tensão, sendo estes, a infinitude e a finitude, a possibilidade e a necessidade, o temporal e o eterno (KIERKEGAARD, 2022). Isto significa que a mera justaposição entre dois elementos não compõe o si-mesmo, assim como a superação entre os termos não efetiva a relação, sendo assim, o si-mesmo é formado como outro elemento, o que

² A pseudonímia é imprescindível para a compreensão das obras de Kierkegaard, pois permite a criação de perfis com distintas formas de pensar e de se posicionar no mundo. Isto pode ser interpretado como uma das maneiras de revelar a ironia do pensador, pois, diferentemente dos filósofos de sua época, Kierkegaard não busca apenas uma abordagem exterior sobre a existência, mas traz uma determinada realidade do existente em cada pseudônimo que sustenta (ALMEIDA; VALLS, 2007). Posto isso, opta-se por citar o pseudônimo juntamente com o autor ao decorrer da pesquisa, objetivando manter o sentido pretendido pelo filósofo em seu texto.

não implica a eliminação dos anteriores.³ Evidencia-se que o ser humano não nasce com um si-mesmo formado, estando este em estado latente, como potência, sendo tarefa essencial da existência tornar-se quem se é através da efetivação da síntese que o constitui.

Contudo, a efetivação adequada da síntese pode não se suceder, deixando o sujeito em um estado de perda e alienação em relação ao seu si-mesmo. A concretização desta falha no estabelecimento da síntese representa a emergência de uma enfermidade própria do espírito: o desespero. O desespero não está direcionado a um objeto exterior, mas ao próprio espírito, do qual não é possível escapar ou extrair de si, evidenciando, assim, o impedimento inicial para a recuperação do sujeito agonizante. A singular tensão que distingue o ser humano dos demais animais e seres vivos é justamente a razão pela qual a enfermidade se manifesta de maneira peculiar. Tendo em vista que o desespero se configura como uma afecção que acomete o espírito, a doença continua a se alastrar mesmo que o corpo permaneça inalterado. Essa distinção ressalta a especificidade da condição humana, na qual a saúde do espírito não necessariamente é transparecida pela integridade física, pois há uma dimensão existencial que persiste na interioridade, longe do alcance da objetividade (FAÇANHA; SOUZA, 2018). Assim, a possibilidade do desespero representa uma elevação do sujeito ao demarcar a sua singularidade no mundo, mas a realidade do desespero no espírito não implica o mesmo, pois representa o adoecimento espiritual que carece de solução. “A possibilidade dessa doença é a superioridade do ser humano em relação ao animal, e essa superioridade o distingue de modo bem diverso do que o seu andar ereto, pois indica a sua elevação ou sublimidade infinita, por ser ele espírito.” (KIERKEGAARD, 2022, p. 45).

Nesse sentido, compreende-se o desesperado como mortalmente enfermo, pois a doença pode persistir até o encerramento de sua vida e, mesmo assim, o desfecho representado pela morte temporal não seria o fim do tormento interior. Isto ocorre pois o espírito possui a dimensão do eterno, o que decreta a sucessão da enfermidade para além da realidade temporal, persistindo mesmo após o padecimento do corpo. “Se uma pessoa morresse de desespero assim como se morre de uma doença, então o eterno que há nela, o si-mesmo, deveria poder morrer no mesmo sentido em que o corpo morre da doença.” (KIERKEGAARD, 2022, p.49). Em contraposição às moléstias que podem ser tratadas com o auxílio da medicina, o desespero não conduz à degradação ou à disfunção fisiológica e nem

³ Em *O conceito de angústia* torna-se mais claro quando Kierkegaard/Virgílio Haufniensis enuncia: “O homem é uma síntese do psíquico e de corpóreo. Porém, uma síntese é inconcebível quando os dois termos não se põem de acordo num terceiro. Este terceiro é o espírito.” (KIERKEGAARD, 2013, p. 47). Assim, o espírito surge como o terceiro elemento que caracteriza o indivíduo. A respeito dos termos dialéticos que formam esse si-mesmo, não se trata da composição de três sínteses separadas, mas do entendimento de que os termos opostos encontram-se relacionados entre si, resultando em uma única síntese.

sequer encerra a vida que anima o corpo. Todavia, revela-se mais sofrível que a própria morte, pois o desesperado perpetua-se nessa condição espiritual ininterruptamente, transcendendo o último suspiro que põe termo à sua existência material. A persistência do desespero além da morte tece uma narrativa sombria da qual o sujeito não se liberta nem mesmo nos confins da eternidade: “Pois morrer significa que tudo acabou, mas morrer a morte significa vivenciar o morrer; e se isso é vivenciado por um único momento, então, com isso, se o vivencia eternamente.” (KIERKEGAARD, 2022, p.49). É possível perceber que há uma dimensão autodestrutiva na enfermidade mortal, um desejo pela inexistência de seu próprio eu que a aproxima do estado em que se encontra o suicida (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019). A vivência incessante do morrer ainda em vida somente se torna possível pelo caráter espiritual do indivíduo, sendo acometido por uma mazela que consome seu interior sem nunca o esgotar. Assim, o desespero parece se configurar como um suicídio espiritual que não culmina em um ponto final, um morrer em vida que se realiza a cada minuto de sua presença sem de fato concretizar o ato derradeiro para a morte (MJAALAND, 2011).

Outro aspecto característico do desespero trata-se de sua universalidade, uma vez que este atinge a grande maioria dos indivíduos, mesmo aqueles que negam estar acometidos pela enfermidade. Contudo, apesar de sua prevalência, o verdadeiro entendimento sobre a natureza do desespero se mostra escasso e, por isso, a maioria dos indivíduos nega estar desesperada, pois: “O raro não é alguém estar desesperado; não, o raro, muito raro, é que alguém em verdade não o esteja.” (KIERKEGAARD, 2022, p.54). A continuidade representa outro atributo notório, pois ao contrário das demais doenças que se desenvolvem e aparecem a partir de um determinado momento, a constatação do sujeito em desespero sugere que essa condição sempre se fez presente, apenas não havia sido diagnosticada: “[...] vai-se carregando consigo uma doença do espírito que só de vez em quando, como num lampejo, mostra sua presença com e por uma angústia que lhe é inexplicável.” (KIERKEGAARD, 2022, p.53). Assim, o desespero não solucionado persiste mesmo sob a máscara da serenidade, sendo possível que uma aparente felicidade coexista com o desespero, o qual se enraíza nas profundezas do espírito, muitas vezes passando despercebido pelo próprio sujeito, embora possa emergir lampejos desse infortúnio.

Outrossim, sendo a síntese que compõe o ser humano composta por termos dialéticos, isto é, elementos opostos em tensão, o desbalanceamento entre tais aspectos indica a presença do desespero. Por isso, torna-se possível analisar a manifestação da enfermidade a partir dos momentos de síntese, nos quais podem ocorrer falhas na relação entre finitude e infinitude, assim como, necessidade e possibilidade. O desespero, nesse contexto, é percebido como uma

desordem entre os aspectos constituintes do sujeito, o que se sucede através do excesso de um dos termos e, conseqüentemente, da falta de seu contrário, em suma, um afastamento da antítese (SANTOS, 2021). Assim, deve existir um equilíbrio entre finitude e infinitude, de modo que o sujeito não extrapole a presença de um dos termos e, conseqüentemente, apresente uma concentração deficitária do outro. O desespero da infinitude se dá na medida em que o indivíduo carece de seu oposto, a finitude, sugerindo uma expansão da dimensão fantástica e o desejo exacerbado pela transcendência dos limites da existência humana. O indivíduo se afasta cada vez mais da instância social e da realidade que o cerca, individualizando-se excessivamente e perdendo-se na fantasia. A fantasia é descrita como “a faculdade para todas as faculdades” e permite a vivência de uma reflexão que ultrapassa os limites da realidade imediata, contudo, o seu excesso leva ao afastamento de si mesmo (KIERKEGAARD, 2022, p.63). Destarte, apesar da infinitude aproximar o homem de sua relação com Deus, a demasia do fantástico acarreta a perda gradual de si.

Da mesma forma, a finitude, ao carecer de seu contrário, lança o eu ao desespero, pois a extrema estreiteza impede a expressão da primitividade inerente ao sujeito e o acorrenta às expectativas puramente mundanas. Aquele que está preso à sua finitude é, pois, fadado à repetição e ao comodismo de se adequar às expectativas da massa, enquanto se afasta cada vez mais do aspecto que diferencia a condição humana das demais, a sua singularidade. Neste caso, o desespero não é explícito, longe disso, pois o sujeito encontra-se adaptado às circunstâncias e dinâmicas do mundo terreno. Em contrapartida, permanece mais longe de ter um si-mesmo e, portanto, mais adoecido: “Um tal sujeito, precisamente por perder-se a si mesmo deste modo, ganhou perfectibilidade para participar dos negócios cotidianos, sim, para fazer sucesso no mundo” (KIERKEGAARD, 2022, p.67). Depreende-se, então, que o processo de se tornar si-mesmo requer a construção da sua própria identidade por meio das escolhas, da responsabilidade e da vontade individuais, o que não pode ser alcançado ao buscar adaptar-se às cópias de outros homens do mundo e atender às suas exigências triviais.

Adiante, apresenta-se ainda o desespero que emerge do desequilíbrio entre possibilidade e necessidade. Tendo em vista que o indivíduo se constrói na realização cotidiana de escolhas a partir daquilo que se mostra factível, a possibilidade garante a síntese espiritual ao abarcar a extensão de alternativas possíveis para o repertório de escolhas do sujeito. Contudo, é imprescindível a observância dos limites existentes, o que se dá por meio da necessidade, caso contrário o indivíduo perde-se em meio à indeterminação. Logo, a exacerbação da possibilidade atordoa os caminhos do espírito, mas a sua presença na síntese é crucial, pois o possível se manifesta para aquele que assim acredita e busca

(KIERKEGAARD, 2022). Dessa forma, mesmo que o sujeito se depare com o pior mal que anseia, a crença na saída desse estado por meio da fé na amplitude de possibilidades existentes oferece uma salvação. A confiança na emergência de uma possibilidade em meio à tribulação oportuniza a efetivação da síntese, contudo, isto não representa uma proteção ou blindagem ao acometimento de mazelas, mas torna suportável a vivência de qualquer declínio: “Aquele que crê, vê e entende, humanamente falando, a sua ruína (naquilo que lhe aconteceu, ou no que ousou), mas ele crê.” (KIERKEGAARD, 2022, p.73). Ademais, Kierkegaard/Anti-Climacus delinea os perfis do fatalista, do determinista e do filisteu burguês, os quais carregam consigo o desespero da carência de possibilidade, uma vez que concebem a realidade como pura necessidade. O desespero desses indivíduos é pautado pela submissão ao destino, pelo conformismo passivo em relação à vida e pela resignação diante da trivialidade do mundo, respectivamente. Assim, os três grupos definidos padecem pela mesma falta de possibilidade, na qual a negação da capacidade de escolha autêntica conduz ao desespero, tornando-os prisioneiros de uma existência limitada e desprovida de significado.⁴

Outrossim, ao abordar o desespero a partir da consciência, Kierkegaard/Anti-Climacus enuncia que a intensidade se torna mais proeminente à medida que há mais consciência no indivíduo. Ao mesmo tempo salienta-se que o grau de consciência do sujeito se apresenta de forma diretamente proporcional ao grau de presença do si-mesmo. “Quanto mais consciência tanto mais si-mesmo [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.61). A autoconsciência, assim, possibilita a vivência mais profunda da enfermidade que atinge o espírito por meio da sua intensificação, o que não se configura como um entrave à cura; ao contrário, representa o primeiro passo em direção à restauração do espírito. Então, aquele que possui consciência de sua condição desesperada encontra-se em posição mais próxima da cura em comparação com o indivíduo que permanece inconsciente de seu estado. Contudo, é crucial observar que se alguém está consciente de seu desespero e opta por ignorá-lo, afasta-se ainda mais da possibilidade de cura, pois, embora conheça a doença, recusa-se a buscar o antídoto.

Dessa forma, o desespero inconsciente diz respeito à ignorância de ser desespero ou de ter um si-mesmo que possui a dimensão do eterno. Essa inconsciência pode até mesmo não ser indesejada, pois proporciona conforto ao indivíduo que opta por permanecer exclusivamente na esfera do sensível. Assim, Kierkegaard/Anti-Climacus realiza uma comparação com o indivíduo que acredita estar feliz, mesmo que no âmago de seu espírito não o esteja, e assim não deseja ser alertado de sua ilusão, pois isto: “Provém do fato de que o

⁴ Apesar dos três tipos representarem a mesma carência de possibilidade, Kierkegaard/Anti-Climacus enfatiza a a-espiritualidade que caracteriza o “filistinismo”, como se refere à classe burguesa de sua época.

sensível e o sensível-anímico a dominam completamente; provém do fato de que ela vive nas categorias do sensível, o agradável e o desagradável, sem se preocupar com o espírito, a verdade e assemelhados [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.77). A condição do indivíduo que persiste em tal ignorância é ilustrada através da história de alguém que possui uma casa pomposa e dividida em vários andares, mas permanece habitando o seu porão e abstendo-se do proveito daquilo que lhe pertence (KIERKEGAARD, 2022). Contudo, assim como a suntuosidade da casa persiste a despeito de seu abandono, o desespero perdura mesmo que ignorado, o que não o reduz e, ainda, contribui para a continuidade do agonizar espiritual. O desespero do pagão encontra-se circunscrito neste estado de ignorância, pois não apreende a infinitude de sua síntese. Da mesma forma, o pagão que está inserido na Cristandade⁵ também carece de espírito e a sua falta se consolida de maneira mais profundamente a-espiritual, pois incorre em um afastamento da infinitude.

Por conseguinte, duas formas conscientes de desespero se delineiam: desesperadamente querer ser si mesmo ou desesperadamente não o querer, sendo necessário averiguar se o indivíduo se encontra verdadeiramente ciente da definição do desespero e da magnitude de sua própria aflição, uma vez que pode não existir uma compreensão adequada sobre a natureza da enfermidade. Embora ambas as manifestações da doença apresentem características próprias, Kierkegaard/Anti-Climacus ressalta que os dois tipos de desespero podem ser reconduzidos um ao outro, de maneira recíproca. Ao aspirar ter um si-mesmo que não possui, o desejo subjacente é atingir o próprio eu, um eu que ainda não é, mas que pode vir a ser e que deve ser concretizado por meio do processo de tornar-se: “[...] a expressão da dependência de toda a relação (do si-mesmo), a expressão de que o si-mesmo não consegue chegar a ou estar em equilíbrio e tranquilidade por si mesmo, mas apenas no relacionar-se a si mesmo se relacionando ao que estabeleceu toda a relação.” (KIERKEGAARD, 2022, p.44).

Ao mesmo tempo, é apresentado o percurso inverso, no qual a recusa em ser si mesmo representaria a fórmula de todo desespero, uma vez que ao querer ser si mesmo o que se deseja é livrar-se deste si-mesmo que é, realocando em si a idealização de quem se pretenderia ser. “Se tivesse se tornado César, então teria desesperadamente se livrado de si mesmo; mas não se tornou César e não pode desesperadamente livrar-se de si mesmo.” (KIERKEGAARD, 2022, p.50). Isto ressalta a complexa perspectiva dialética da

⁵ Faz-se imprescindível diferenciar aquilo que Kierkegaard denomina Cristandade em oposição ao Cristianismo, pois o primeiro diz respeito à paganização da vivência cristã ou, mais do que isso, à superficialidade daquele que se autointitula cristão de forma irrefletida, sem apropriar-se dos preceitos correspondentes. Assim, na Dinamarca do século XIX a religião vinculava-se indistintamente ao poder estatal, incorrendo em uma massa de cidadãos intitulados cristãos somente por conformidade ao contexto da época, esta seria a Cristandade (ALMEIDA; VALLS, 2007).

enfermidade, a qual torna-se aclarada pela compreensão de sua forma oposta e da dinâmica que a rege. Ressalta-se, ainda, que é possível admitir essas distinções do desespero tendo em vista que a síntese representada pelo espírito fora estabelecida por um terceiro, sendo então concebível o desejo de desesperadamente ser si mesmo. Logo, se o si-mesmo estabelecesse a si próprio sem a mediação do poder transcendental, então somente a fórmula do desespero que não deseja ser si mesmo far-se-ia exequível, eliminando a dialeticidade da relação.

Nessa perspectiva, o desespero que se consolida na recusa de ser si-mesmo é denominado de fraqueza e, por sua vez, divide-se em mais dois estados, sendo estes o desespero sobre o terreno ou sobre algo terreno e o desespero do eterno ou sobre si mesmo. Aquele que se desespera a partir da categoria do terreno é um indivíduo que persiste na imediatidade, vivendo de maneira passiva e apegando-se à temporalidade. A consciência deste desesperado mostra-se errônea, pois acredita que está enfermo por perder a dimensão do terreno, negando e se recusando a conceber que a carência é de seu oposto, a eternidade. Assim, estando imerso na pura exterioridade, este indivíduo não quer ser si mesmo e, para além disso, deseja ser um outro que não a si próprio. “Facilmente nos convenceremos disso ao observarmos pessoas do imediato; no momento do desespero nenhum desejo está tão próximo delas quanto este: ter se tornado uma outra pessoa ou tornar-se uma outra pessoa.” (KIERKEGAARD, 2022, p.89). Entretanto, se este adquire um grau maior de autorreflexão, o seu desespero se modifica um pouco e, dessa forma, pode realizar a tentativa de preservar a si mesmo sem querer ser um outro que não é. Esse desesperado é capaz de separar o seu si-mesmo do puramente imediato e não ser invadido pela completa exterioridade, mas, ainda assim, não se aprofunda no entendimento da eternidade. A próxima forma de desespero emerge a partir do entendimento verdadeiro do eterno, demonstrando que a gradação das enfermidades se sucede através da intensificação da consciência sobre o desespero que o aflige. Logo, aquele que se encontra invadido pelo desespero do eterno sente-se aflito por perceber que perdera a eternidade de sua síntese e agoniza sobre a sua própria fraqueza, agora reconhecida. O hermetismo é predominante nestes indivíduos, sendo uma marca da tentativa de esconder e ocultar a vergonha que o perturba pelo reconhecimento de sua própria fraqueza. A postura característica dessa condição é o ensimesmamento, no qual há uma recusa da própria autoexpressão, o que Kierkegaard/Anti-Climacus denomina fechamento hermético.

Aquela falsa porta, da qual se falou anteriormente, atrás da qual não havia nada, é aqui uma porta real, mas uma porta fechada com muito cuidado, e atrás dela o si-mesmo está sentado, por assim dizer, e vigia a si mesmo, ocupado ou preenchendo o tempo com não querer ser si mesmo, e, contudo, suficientemente si-mesmo para

amar a si mesmo. Isso se chama fechamento hermético. (KIERKEGAARD, 2022, p.100).

Por fim, é apontado o desespero obstinado de querer ser si mesmo, sendo este o mais intenso, pois apresenta um maior nível de consciência e está mais próximo de sua resolução por meio da fé. Nesse estágio, o desespero não é mais carregado de exterioridade, mas de interioridade, emanando precisamente do próprio si-mesmo. Entretanto, ao desejar de forma intensificada ser si mesmo, o indivíduo se distancia do poder que o originou e até mesmo da compreensão de que há um poder criador em relação à síntese. Portanto, aquele que sofre dessa enfermidade anseia esculpir o próprio si-mesmo, transformando-o de modo a atingir uma versão desejada, sustentando uma crença na máxima autossuficiência e independência em relação a tudo e, até mesmo, ao poder transcendental. “O si-mesmo é o seu próprio senhor, absolutamente seu próprio senhor [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.107). Evidencia-se que o desespero e as suas formas são apresentados sob uma leitura diagnóstica, o que permite uma abordagem mais aprofundada que expõe as características da condição equiparando-as a sintomas de uma aflição existencial. Da mesma forma, a identificação de distintas manifestações do desespero sustenta a visão diagnóstica que aproxima as categorias apresentadas de variações concernentes à enfermidade. Finalmente, é preciso que a doença possua a possibilidade de cura, o que é focado por meio da trajetória individual no qual cada ser humano buscará constituir o seu próprio si-mesmo. Nesse contexto, destaca-se a relevância da fé, da aproximação com o poder formador da síntese e da autoconsciência, o que será aprofundado posteriormente, embora Kierkegaard/Anti-Climacus não revele uma determinada cura em termos de prescrições universais e generalistas.

3. SUICÍDIO, O AGRAVAMENTO DO DESESPERO

O suicídio é entendido, na contemporaneidade, como o ato de tirar voluntariamente a própria vida, o que se sucede de maneira consciente e deliberada, logo, envolve a decisão ponderada e não acidental de encerrar a própria existência (FEIJOO, 2019). Nessa perspectiva, a morte representaria o fim da vida e, no contexto do indivíduo que se encontra em sofrimento, possivelmente constituir-se-ia como a finalização de seu tormento psíquico. Contudo, a antropologia de Kierkegaard/Anti-Climacus contém uma compreensão mais complexa sobre o suicídio, pois ao ser constituído por uma dimensão eterna emerge a impossibilidade da morte integral do ser humano e, portanto, a permanência do desespero. Como enunciado, o desespero permaneceria mesmo após a concretização do autoextermínio, pois a enfermidade não atinge nenhum órgão ou tecido, senão o espírito daquele que agoniza: “[...] o morrer do desespero se converte continuamente em um viver. O desesperado não pode morrer; ‘assim como o punhal não pode matar pensamentos’.” (KIERKEGAARD, 2022, p.49).

Da mesma forma, a morte não pode ser reduzida ao padecimento do corpo ou do espírito, sendo necessário conceber o encerramento da permanência terrena a partir de uma definição particular, como apenas uma etapa em direção à vida, isto é, à eternidade. Na perspectiva kierkegaardiana, a morte, longe de representar o ponto derradeiro da existência, configura-se como uma transição serena, sendo este o ponto não concebido pelo homem natural - alheio às determinações do espírito e ao cristianismo. Assim, o homem natural permaneceria de tal forma vinculado à temporalidade efêmera que, ao interpretar a morte como a consumação última, poderia a conceber como um desenlace no qual as esperanças repousam enquanto a vida trivial perdura. No entanto, sob o olhar do cristão, a morte não se erige como o ápice do sofrimento, pois há um mal maior que escapa à percepção do homem natural, sendo este o desespero: “Mas o verdadeiramente terrível que o cristão conheceu é a ‘doença para a morte’.” (KIERKEGAARD, 2022, p.39).

Por conseguinte, a opção por investigar o suicídio a partir de uma relação com o desespero se justifica pela escassez de referências ao tema inseridas na obra enfocada (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019). Hipotetiza-se, então, que o suicídio em *A doença para a morte* não pode ser compreendido de outra forma, senão a partir da ligação que é estabelecida com o desespero, sendo possível perceber a existência de uma relação dialética entre os termos. Essa associação se realiza na medida em que o suicídio representa a concretude da morte voluntária - seja esta a morte do corpo -, enquanto o desespero pode ser concebido como o desejo de

alcançar tal encerramento, mas assim não poder, sendo então a presença inescapável da vida - seja esta a vida do espírito. Não obstante a aparente oposição inicial entre o desesperado e o suicida, ambos encontram similitudes ao considerar o desejo de encontrar a resolução de seu próprio sofrimento e, conseqüentemente, vislumbrar a morte como uma esperança, embora somente o suicida estenda tal esperança até a consecução do ato.

Quando a morte é o perigo maior tem-se esperança na vida; mas quando se toma conhecimento de um perigo ainda mais terrível, então se deposita a esperança na morte. Quando, pois, o perigo é tão grande que a morte se tornou a esperança, então o desespero é a desesperança de nem mesmo poder morrer. (KIERKEGAARD, 2022, p.49).

Logo, entende-se que a morte, quando percebida como o perigo maior, leva o indivíduo a depositar a esperança de um refúgio na própria vida, o que não ocorre no desespero, pois este se caracteriza como um sofrimento ainda mais aterrador. Logo, ao se desejar sair da condição de desesperado, encontra-se esperança na morte. No entanto, o ponto crucial trata-se da consideração da dimensão do eterno que habita o espírito, levando o desespero à transformação da morte em uma escala inatingível, por isso, o que poderia ser visto como uma possível saída perde o seu sentido. O desesperado não apenas deseja a morte, mas seu desespero atinge tal profundidade que ele se encontra na "desesperança de nem mesmo poder morrer", sendo então, uma esperança frustrada. O desespero se prolonga no indivíduo ao constantemente deparar-se com a impossibilidade de arrancar o seu próprio eu dotado de eternidade.

É preciso, todavia, recordar-se de que o suicida é, antes de tudo, um desesperado, mas que acredita ser possível escapar do sofrimento que lhe aflige sem ter encontrado a verdadeira cura para a enfermidade, efetuando o autoextermínio. O suicida vê na morte do corpo a possibilidade da morte do espírito, mas erra ao desconsiderar que não é possível escapar de si mesmo e, portanto, não resolve em vida a sua tarefa essencial: tornar-se si-mesmo (MARTÍNEZ-GÓMEZ, 2019). O suicídio se configura na persistência da expectativa em uma cura na morte, assim, na crença inabalada de uma saída final sem o esforço espiritual. Enquanto isso, o desespero não se concretiza como um derradeiro acabamento, mas persiste até os seus últimos dias como um agonizar similar ao de um moribundo, que padece sem ainda encontrar o seu fim. “No entanto, o desespero é uma contradição, o que se poderia também chamar de aporia, pois há um esforço em livrar de si mesmo ao mesmo tempo em que não é possível fazê-lo – espiritualmente.” (ABE, 2021, p.11).

Sob essa ótica, se revela a potência autodestrutiva que consome o interior do desesperado e o aproxima novamente da morte autoinfligida, de forma que a ideia suicida habita o seu espírito em cada instante que o desespero persiste. Mesmo que a potência suicida contida em si não alcance o seu ato final por meio do autoextermínio, o espírito padece a cada instante em que a enfermidade não é curada, delineando a postura suicida que é continuada naquele que não busca a sua cura. “Ser salvo dessa doença pela morte é impossível, pois a doença e o seu sofrimento – e a morte – consistem justamente em não poder morrer.” (KIERKEGAARD, 2022, p.52). Há um desejo velado de encerrar o estado no qual se encontra, mesmo após a compreensão de que a morte temporal não desintegra a enfermidade. Então, o indivíduo persiste acometido pelo sofrimento, perpetuando continuamente a fantasia destrutiva que o invade (MJAALAND, 2008). Logo, o desespero e o suicídio nutrem-se pela mesma fonte, o desejo de cessar a vida - seja latente ou manifesto - que se estabelece a partir do empreendimento em findar o sofrimento que o aflige. O tormento não é externo à sua enfermidade, mas está inserida justamente no interior do desespero, na percepção de que tal condição é avassaladora e inescapável até o último segundo. Sustenta-se essa configuração, assim, enquanto o indivíduo não efetiva a sua síntese e não se relaciona adequadamente consigo mesmo e com o poder transcendental que o fundamentou.

Dessa forma, sendo o suicida, previamente, um desesperado, este pode se desesperar e agonizar profundamente de diferentes formas antes de concretizar a morte autoinfligida. Assim, quando o desesperado se situa, por exemplo, no desespero da possibilidade, Kierkegaard/Anti-Climacus enuncia que: “Ao final parece que tudo é possível, mas isso se dá justamente quando o abismo engoliu o si-mesmo.” (KIERKEGAARD, 2022, p.69). Então, pode-se pensar que o mesmo se sucede para o suicida que vê até mesmo o autoextermínio como uma alternativa para o enfrentamento do seu estado, tendo sido engolido na própria possibilidade que vislumbra. Nesse sentido, torna-se novamente desvelada a distinção do desespero, no qual nem mesmo a morte oferece saídas, e do suicídio, que emerge como um agravamento em que o indivíduo - consciente ou não da ineficiência de sua escolha - considera a alternativa da morte voluntária e agarra-se a ela de tal forma que adianta o destino último do corpo. O desesperado pode sair de sua condição até o último segundo de sua existência, pois ainda há a possibilidade de tornar-se si-mesmo e efetivar a sua síntese. Contudo, mesmo que ainda exista essa chance, ele a abandona, foge da tentativa de cura e incorre em um salto impeditivo da cura, isto é, um salto para a morte, tornando-se um suicida.

Ao mesmo tempo, a dialética entre a necessidade e a possibilidade é clarificada, pois ao considerar o suicídio como saída do desespero, o indivíduo que carece de possibilidade e

aquele que carece de necessidade se encontram. Aquele que se desespera agarrado à necessidade não vislumbra alternativas de resolução para a sua condição, pois carece da possibilidade enquanto mantenedora da esperança. Nessa interseção, o desesperado da possibilidade e da necessidade se encontram, concebendo, por vias distintas, a morte voluntária como o único caminho possível, o que os transforma em suicidas – se assim encerrarem voluntariamente as suas vidas. Ao não perceber que o seu sofrimento pode ser cessado e acreditar que a enfermidade jamais terá um fim, o desesperado preso à necessidade poderá lançar-se ao desfecho decisivo, agravando-se à condição de suicida e rebelando-se contra a sua existência. Não é vislumbrada a formação de uma única alternativa, pois fora perdida a dimensão da possibilidade que acalenta o sujeito mesmo quando atingido pelos maiores infortúnios. A pessoa que verdadeiramente crê, por meio da esperança oferecida pela possibilidade, compreende que uma saída pode ser delineada para o encerramento de seu sofrimento, visto que: “Compreender que algo, em termos humanos, é sua ruína e, contudo, ainda assim crer na possibilidade, isso é crer.” (KIERKEGAARD, 2022, p.73). No entanto, a esperança que o suicida nutre para a solução de suas atribulações não reside mais na vida, mas na antecipação da morte.

Dessa maneira, ainda compreendendo o suicídio como um agravamento do desespero e de suas formas, a intensificação da dialética presente no desespero da infinitude e da finitude pode igualmente se encaminhar para a consumação do ato. Ao se encontrar perdido em meio à mundanidade e se tornar apenas um entre muitos, o indivíduo deixa de reconhecer a singularidade de sua existência, desconsiderando a tarefa única e intransferível de ser verdadeiramente si-mesmo. Assim encontra-se o desesperado que carece de infinitude, diluído na multidão, em um estado no qual a sua vida perde relevância e através da intensificação da mazela pode tornar-se suicida. A sua identidade se mescla com as inúmeras outras de forma que a distinção entre viver ou morrer se torna menos evidente e cada vez menos relevante para si (MJAALAND, 2008). Esse tipo de suicida se anula e cala a sua voz diante dos outros, não permitindo a si mesmo demonstrar qualquer forma de autenticidade e desejo pessoal, o que pode o levar à morte em virtude de sua impossibilidade de manifestar-se diante dos demais (MJAALAND, 2008). Logo, o suicídio de um desesperado que carece da infinitude pode até mesmo o elevar na realidade mundana e torná-lo uma figura marcante na história, contudo, tal aspecto não reduz a falha em alcançar o seu si-mesmo: “[...] talvez sejam mencionados na história, mas si mesmos eles não são [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.68).

Em contrapartida, o indivíduo pode carecer da finitude ao encontrar-se perdido e volatizado em meio às suas próprias fantasias, desencontrando-se da dimensão finita que o

conecta à realidade e, assim, permanecendo desintegrado da própria concretude que o cerca. O indivíduo que carece da finitude pode até mesmo estabelecer uma relação com a figura divina, mas ainda assim irá falhar, pois, ao exceder na dimensão fantástica e ao isolar-se abstratamente, o seu si-mesmo encontra-se cada vez mais distante e afastado, como outrora mencionado. Nesse panorama, o suicídio pode se delinear como a saída do indivíduo egocentrado, o qual se isola e se ausenta até mesmo das relações interpessoais de sua vida, permanecendo volatizado em suas próprias fantasias e vontades (MJAALAND, 2008). Dessa forma, percebe-se que o desespero compreendido a partir dos momentos da síntese também é capaz de se manifestar na experiência do suicida, pois a intenção de retirar-se da vida é um sintoma que está contido na própria enfermidade. Sendo a ideação um sintoma latente do próprio desespero, a sua exacerbação pode conduzir o sujeito à piora, o que incorre no caráter dialético da relação entre suicídio e desespero, o que pode aparecer em qualquer uma de suas formas e gradações.

Outrossim, a despeito das poucas menções de Kierkegaard/*Anti-Clímacus* sobre a questão do suicídio em *A doença para a morte*, é realizada uma relação direta entre o desespero da fraqueza que aflige o hermético e a possibilidade do suicídio. O hermético concerne ao indivíduo que se encontra ocultado e isolado de tal forma que não se revela nem mesmo para si, repousando em uma postura de fechamento. A resistência à abertura resulta em um estado de isolamento e ausência de transparência em suas experiências, afastando-se da possibilidade de reconciliação consigo mesmo e com o poder transcendental. Assim, é desvelada a intrincada relação entre a solidão e a abertura para o outro que demarcam o dilema do hermético, sendo, neste íterim, que o suicídio emerge como a sombra mais próxima deste desespero entrelaçado. Ao permanecer absolutamente fechado, o indivíduo hermético encara o risco íntimo do suicídio, uma ameaça que escapa à percepção da maioria, mas que nem por isso deixa de se fazer presente: “A maioria das pessoas naturalmente nem sequer suspeita do que tal pessoa hermética é capaz de suportar; e se chegassem a saber, ficariam surpresas.” (KIERKEGAARD, 2022, p.104). Deste modo, a conservação da ânsia autodestrutiva no interior do indivíduo, a despeito de seu reconhecimento ou não por parte da exterioridade é uma característica do suicida que remete ao hermético, aquele que se desespera por não querer ser si mesmo.

No entanto, ao compartilhar com outro o sofrimento e as preocupações que habitam no sujeito carregado pelo hermetismo, a tensão se dissipa, suavizando a carga de aflição que carrega em seu íntimo. Esse diálogo confidencial pode se tornar um antídoto para o suicídio, todavia, emerge uma dualidade, pois, ao abrir o conteúdo retido em seu mundo interno, é

possível o surgimento de um desespero orientado de maneira distinta. Este pesar se erige a partir da crença hermética de que o silêncio absoluto deveria ter sido mantido, assim como a sua impassibilidade diante do desespero, então, prolongando o seu próprio tormento. A postura do hermético se assemelha ao automartírio preconizado por Freud (2010) na melancolia, sendo uma característica que, contraditoriamente, imprime satisfação ao sujeito que se deleita com a permanência de seu próprio sofrimento. Assim, o melancólico dirige a chama destrutiva para si como se esta fosse direcionado a outro. Não se pode dizer que não há sofrimento, pelo contrário, trata-se de um sujeito que no auge de sua melancolia sofre de forma aflitiva, contudo, em algum ponto, a sua tristeza se torna expiação e alívio. O hermético pode, ao desabafar, sentir que deveria ter permanecido de forma isolada com tamanho peso, martirizando-se interiormente para provar a sua capacidade em sustentar a aflição retida que o atinge.

Neste ínterim, a postura do hermético se aproxima do automartírio melancólico, embora o seu deleite não consista na tentativa de direcionar a dor a um terceiro indivíduo, mas de sustentar aquilo que fere a si mesmo. Assim, o martírio do hermético corresponde à insatisfação em não ter se mostrado apto a sustentar o seu fechamento para os demais, como se a sua carapaça estivesse agora ferida e o que restasse fosse apenas o desejo de concretizar o salto para a morte. Portanto, ao encontrar-se mortalmente doente e desejar não ser si-mesmo, o indivíduo pode, em última instância, incorrer ao ato final do suicídio. Ao retomar o caráter dialético da doença, no qual a fórmula de não querer ser si-mesmo pode ser reconduzida ao seu oposto, isto é, ao desejo desesperado de ser si-mesmo e vice-versa. Posto isso, compreende-se que no desespero obstinado o indivíduo também pode ansiar pelo encerramento de sua existência temporal e, assim, o concretizar. Isto ocorre de forma petulante, recusando-se a aceitar o poder que o fundamentou e contrariando a autoridade divina, o que não representa apenas uma negação da própria vida, mas um ato de rebeldia contra a instância transcendental que estabeleceu o espírito (MJAALAND, 2008).

Por outro lado, aquele que permanece inconsciente de sua natureza espiritual e do próprio estado desesperado pode, igualmente, sucumbir ao ato do suicídio, como evidenciado no caso do antigo pagão, desprovido da verdadeira percepção do desespero pela ausência do entendimento de Deus. Nesse sentido, o pagão poderia até mesmo glorificar o ato, como apontado: “[...] o pagão julgava o suicídio com uma leviandade tão peculiar, sim, até louvava o suicídio [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.81). Para esse indivíduo, a carência espiritual se revela, conduzindo a juízos distorcidos sobre o autoextermínio, e, por conseguinte, encarando-o com indiferença, como se o ato fosse destituído de relevância sob a perspectiva do espírito,

o qual desconhece. O paganismo referido remonta à Antiguidade, sendo marcado pela ausência da noção de Deus, em distinção ao paganismo inserido na Cristandade, no qual o sujeito possui acesso à concepção divina, mas opta por se afastar e se isolar desse entendimento, ou seja: “Há alguma consciência moderna geral do que seja o cristianismo, parece ser o que Anti-Climacus quer dizer. De modo que qualquer ação contra o espírito, ainda que seja a própria imobilidade, é um distanciamento de si mesmo e de Deus.” (ABE, 2021, p.11). Apesar disso, em todos os casos, o suicídio persiste como uma rebelião contra Deus e o desinteresse com que a temática é tratada revela-se problemática, uma vez que a indiferença diante da morte reflete o tratamento igualmente indiferente perante a vida (MJAALAND, 2008). O caráter revoltoso do suicídio justifica-se por ser “[...] o pecado mais decisivo, escapar da existência assim, em rebelião contra Deus.” (KIERKEGAARD, 2022, p.82). Ademais, para Kierkegaard/Anti-Climacus o paganismo na Cristandade apresenta uma problemática ainda mais acentuada, representando uma a-espiritualidade intensificada ao ser um afastamento voluntário de si mesmo e do reconhecimento do poder estabelecido da síntese, o que renega a figura divina (KIERKEGAARD, 2022).

Por fim, a dinâmica do desespero que é caracterizada pela sua intensificação de maneira diretamente proporcional ao grau de consciência sobre a enfermidade reflete-se também na compreensão do suicídio, uma vez que: “Aquele que comete suicídio, consciente de que um suicídio é desespero e, portanto, com a verdadeira noção do que seja o desespero, seu desespero é mais intenso do que o daquele que comete suicídio sem ter a verdadeira noção de que suicídio é desespero [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.84). Entretanto, a consciência de si é ainda mais determinante para o agravamento do desespero, pois a presença aclarada e distinta da autoconsciência eleva a aflição da doença em comparação com aquele que não possui um entendimento ordenado acerca de seu próprio eu. Não obstante, ao mesmo tempo em que o estado agonizante é acentuado, a cura torna-se mais próxima, o que não facilita o seu alcance, pois a enfermidade alardeia os sintomas e tenta impossibilitar o indivíduo: “É como se fosse uma enfermidade inteligente. Quanto mais avançamos no caminho de sua cura, mais ela se apercebe dos movimentos que a põem em risco e sua resposta é o aprofundamento de seus efeitos.” (ABE, 2021, p.12). Dessa forma, manifesta-se novamente a tendência suicida que reside no próprio desespero, sendo manifestada como uma força autodestrutiva intrínseca à condição do desesperado. Essa autodestruição não repousa no âmbito físico enquanto destruição de sua existência temporal, mas se define a partir do plano espiritual, no qual a consciência aguda do desespero amplifica o seu próprio sofrer. Assim, a relação entre desespero e suicídio se configura como um ciclo pernicioso em que a acentuada consciência

da enfermidade e de si mesmo, quando não orientada e direcionada para a cura, permanece distante de representar uma saída e, para além, amplifica a espiral autodestrutiva que conserva a doença para a morte.

4. SUICÍDIO NA HISTÓRIA, DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES

A partir das formulações apresentadas acerca da morte voluntária em *A doença para a morte*, faz-se relevante estruturar um panorama contextualizado do fenômeno ao decorrer da história, visando compreender as influências contidas na obra e situar adequadamente o pensamento de Kierkegaard/Anti-Climacus. Assimilando, destarte, a dimensão espiritual apresentada na investigação sobre o desespero percebe-se que o suicídio se configura como um pecado ao adquirir o aprofundamento de uma rebelião diante de Deus, como enunciado anteriormente. Essa concepção oscila entre aproximações e distanciamentos frente aos diversos entendimentos acerca da morte autoinfligida que se entrelaçam ao longo das transformações do corpo social, justificando, portanto, a essencial contextualização histórica da morte voluntária.

Na Antiguidade, as concepções acerca do suicídio eram fundamentadas em uma ambientação propícia para a ocorrência de debates multifacetados, o que pode ser explicado pela diversidade de correntes filosóficas, religiosas e éticas coexistindo no contexto clássico (MINOIS, 2018). Consolidam-se, então, diferentes escolas de pensamento, como o estoicismo, o epicurismo, o platonismo, dentre outras, as quais apresentavam variadas visões sobre questões concernentes à vida humana, o que engloba a morte voluntária. Ademais, a ausência de uma narrativa religiosa dominante e exclusiva permitia a amplitude de perspectivas acerca desta questão. Isto marca uma relevante especificidade que se distancia, por exemplo, da Idade Média, em que apesar da diversidade de argumentos existentes, a hegemonia pautava-se pela mesma sustentação basilar, o cristianismo (MINOIS, 2018).

Enquanto isso, o epicurismo e o estoicismo compartilham uma ênfase na valorização do indivíduo, sendo possível encontrar justificativas para a concretização da morte voluntária em ambas as correntes. Contudo, as suas abordagens acerca da vida e de seus sentidos são distintas, o que incorre em diferenças ao conceber o entendimento da morte autoinfligida. Os epicuristas preconizam a possibilidade de retirar a própria vida ao vislumbrar que as circunstâncias a tornaram insuportável, enquanto os estoicos centram-se em um caminho pautado pela racionalidade. Para estes, a consumação do ato é justificada quando precedida de um exame racional e deliberado, que conclui ser a solução mais digna e mantenedora da

conformação do sujeito (MINOIS, 2018). Nesse sentido, a defesa estoica da morte livre a partir da concepção racional do indivíduo implicará em diversas influências ao decorrer da história, sendo uma doutrina amplamente retomada e vorazmente combatida pela Igreja (PUENTE, 2008). Kierkegaard/Anti-Climacus manifesta profunda discordância em relação à vertente ao aproximar o desespero classificado como obstinado do estoicismo, utilizando-o como expressão ilustrativa de desesperadamente querer ser si mesmo.

No entanto, a contrariedade ao suicídio também se faz presente na Antiguidade, sendo encontrada de maneira destacada em Platão e Aristóteles. Contudo, a interdição ao ato possui diferentes motivos para ambos os filósofos, tendo em vista que Platão compreendia o corpo como uma dádiva dos deuses, sendo então um desrespeito divino a violação de sua vida (MINOIS, 2018; PUENTE, 2008). Apesar da defesa ao argumento da pertença divina, no diálogo de Platão acerca da condenação de Sócrates, o *Fédon*, é evidenciada a postura calma, sem resistências e repleta de aceitação que o seu mestre manteve diante da morte, o que poderia levar a uma compreensão mais branda sobre a interdição do suicídio neste caso em particular.⁶ Já para o Estagirita, o impedimento do suicídio está ancorado na compreensão de justiça para a vida em comunidade, pois o ato representaria a rejeição da vida em sociedade e, portanto, a negação da busca pela virtude e pelo bem comum (MINOIS, 2018). Assim, o suicídio poderia ser compreendido como um ato egoísta que acarretaria prejuízos à comunidade e violaria os princípios éticos da vida política (PUENTE, 2008).

Segundo Kierkegaard/Anti-Climacus, a perspectiva pagã não aborda a questão essencial do suicídio como um crime, uma ofensa ou uma rebelião contra Deus. Assim, a justificativa para a proibição da morte voluntária na visão pagã deve fundamentar-se na quebra da relação de dever para com os outros, o que representa uma referência crítica ao argumento aristotélico. “Se uma advertência contra o suicídio devesse ser feita a partir do ponto de vista do paganismo, teria de ser pelo longo desvio de mostrar que se rompeu a relação de dever para com as outras pessoas.” (KIERKEGAARD, 2022, p.82). Nesse sentido, Aristóteles defende que quem retira a sua própria vida de maneira deliberada não comete uma injustiça contra si, pois a escolha foi realizada de maneira refletida e individual, mas atenta de forma injusta contra os demais indivíduos da comunidade. “Entretanto, a pessoa que se mata voluntariamente num acesso de forte emoção, agindo desta maneira contraria a reta razão, e

⁶ Em diversos momentos do diálogo, torna-se evidente a postura de imperturbabilidade expressa por Sócrates, que até mesmo defende a ideia do ato de filosofar enquanto uma preparação para a morte. Em um dos trechos, enuncia: “Não seria, pois, como eu dizia ao começar esta nossa conversa, uma coisa ridícula por parte dum homem, que durante toda a vida se houvesse esforçado por se aproximar o mais possível do estado em que ficamos quando estamos mortos, irritar-se contra a morte quando esta se lhe apresentasse?” (*Fédon*, 67 e).

isto a lei não permite; ela age portanto injustamente. Mas contra quem? Certamente contra a cidade [...]” (*Ét. Nic.*, V, 1138a, 8-11). Logo, para Kierkegaard/Anti-Climacus o argumento aristotélico faz-se válido para o paganismo, mas, ao mesmo tempo, perde a dimensão mais profunda, isto é, o espírito, ao não considerar que este seria um atentado contra a figura divina.⁷

O debate acerca da morte voluntária na Idade Antiga não se restringe aos pensadores gregos, haja vista que em Roma o suicídio fora permeado por diversas concepções, destacando-se a interdição do ato direcionada aos escravos e aos soldados (MINOIS, 2018). Essa proibição se fundamentava em interesses econômicos e patrióticos, o que revela como, ao decorrer da história, a morte voluntária encontra a sua proibição, por vezes, pautada em motivos de ordem econômica e interesses políticos (FEIJOO, 2019). No contexto romano também emerge um tipo de suicídio peculiar, que se situa em um panorama de crise civilizatória e recrudescimento dos questionamentos sobre os valores de uma determinada época, sendo este o suicídio causado por *taedium vitae*, isto é, tédio vital (MINOIS, 2018). A concretização da morte autoinfligida a partir de de um tédio capaz de abalar as certezas e provocar tamanha resignação relaciona-se com as concepções de morte livre aceitas por Sêneca e por Lucrecio, sendo que este último se suicida em circunstâncias similares a de um tédio vital (MINOIS, 2018). Entretanto, de forma concomitante ao decaimento da popularidade do estoicismo, considerada uma corrente afeita e compassiva à morte voluntária, as leis romanas começam a se enrijecer e, então, emerge o panorama de condenação mais rigorosa ao suicídio.

Em seguida, avançando ao período medieval faz-se perceptível um resgate aos argumentos clássicos de ordem religiosa que demarcam a interdição do suicídio, o que conta com representantes como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Assim, os argumentos religiosos de pertença utilizados pelo paganismo na Antiguidade serão resgatados para compor a concepção teológica vigente na Idade Média (GONDIM; MARTINS, 2021). O suicídio neste período era julgado e condenado como prática que se contrapunha aos preceitos divinos. A exceção era fundamentada nos casos em que a insanidade pudesse ser alegada, assim como um momento de *frenesi*, ou seja, uma cólera intensa e irrefreável (MINOIS, 2018). Caso contrário, a crença predominante era de que o sujeito estava possuído por humores diabólicos, o que levava à condenação do corpo do suicida, o qual sofria o suplício e

⁷ Este é um entendimento que fora considerado por Platão, mas ainda assim denominado pagão, pois direcionava-se aos deuses da Antiguidade grega. Contudo, o argumento será reavivado por Santo Agostinho no período medieval, sendo realocado para o contexto cristão.

outras formas de castigo, mesmo após a morte (MINOIS, 2018). Outro aspecto despontado neste contexto trata-se do estabelecimento de uma relação entre a morte voluntária e o desespero, que seria um estado de espírito no qual o indivíduo se encontra desamparado, prostrado e preocupado (MINOIS, 2018). É possível, assim, relacionar tal entendimento à enfermidade mortal enunciada em *A doença para a morte*, contudo, Kierkegaard/Anti-Climacus refere-se a um desespero que não necessariamente se deixa transparecer aos demais. O desespero kierkegaardiano trata-se de uma enfermidade do espírito que é sentida no profundo interior daquele que agoniza e, às vezes, passa despercebido até mesmo pelo desesperado, o qual pode seguir a sua vida de forma bem adaptada à realidade e às convenções sociais de sua época sem, necessariamente, vislumbrar a morte voluntária como uma possibilidade (KIERKEGAARD, 2022).

Por conseguinte, apesar da ampla reprovação ao suicídio que demarca o contexto medieval, a ponderação crítica atribuída ao ato demonstrava variações a depender da classe e da posição social do indivíduo, sendo então um julgamento pautado por distinções em relação à forma condenável e à forma aceitável da prática: “Não encontramos, na Idade Média, um único caso de processo contra o cadáver de um nobre que tenha morrido de morte voluntária.” (MINOIS, 2018, p.17). O desespero, por exemplo, seria uma motivação dotada de inferioridade e de pouca nobreza para a realização da morte autoinfligida e, portanto, era atribuída aos indivíduos das classes mais baixas (MINOIS, 2018). No entanto, para Kierkegaard/Anti-Climacus não existem diferenciações de ordem social no que tange ao espírito, pois há um aprofundamento relacionado à individualidade e à interioridade de cada sujeito, não sendo admissível diferenciações advindas da exterioridade. Nenhum indivíduo singular é capaz de se valer de subterfúgios exteriores para escapar do desespero que habita em seu interior e, da mesma forma, dos desdobramentos da morte voluntária (KIERKEGAARD, 2022). O suicídio na Idade Média é, então, carregado de ambiguidades, sendo que a intensificação de sua penalização não se constitui em decorrência de normas e condutas morais, mas tendo em vista as relações socioeconômicas e políticas. A queda da taxa de natalidade bem como a concepção do indivíduo como pertencente ao seu senhor implicara na necessidade de interditar legalmente a prática da morte voluntária, haja vista que esta não seria lucrativa ao corpo social (MINOIS, 2018).

Sob o panorama filosófico da época, as correntes neoplatônicas condenam a morte voluntária assim como Platão fizera na Antiguidade, contudo, estabelecem determinadas ressalvas, como o autoextermínio que for decretado pela cidade, que objetivar a fuga em relação a humilhações ou, ainda, que ocorrer para escapar de um destino brutal (MINOIS,

2018). O suicídio concebido como uma ofensa aos deuses, tal qual enunciado pela tradição platônica, retorna sob uma abordagem cristã empregada por Santo Agostinho. Assim, há uma interdição ainda mais rigorosa e absoluta do ato a partir da maximização do quinto mandamento bíblico, que prevê a proibição do ato de matar, sendo então estendido para o homicídio de si mesmo (MINOIS, 2018). Ao abordar o suicídio, Kierkegaard/Anti-Climacus realiza uma breve referência a Santo Agostinho ao enunciar que “as virtudes dos pagãos são vícios brilhantes”, pois estariam fundamentadas na glória terrena ao invés de firmar-se na autêntica fé (KIERKEGAARD, 2022, p.81). Ao retomar Santo Agostinho, é possível compreender a sua crítica aos pagãos que concebiam a virtude de forma equivocada, elevando-a a um pedestal divino, mas sem de fato exercer a fé. Logo, as virtudes seriam adoradas como deusas isoladas: “Mas, porque na realidade deusa não é, mas é antes um dom de Deus, deve ser pedida Àquele que é o único que a pode dar — e toda a turba dos falsos deuses se dissipará.” (AGOSTINHO, 1996, p.419). Dessa forma, as virtudes atribuídas aos pagãos seriam percebidas como inadequadas, uma vez que não estavam em consonância com o entendimento do espírito e, portanto, teriam como fundamento o desespero.

Isto posto, Kierkegaard/Anti-Climacus sugere que, no contexto pagão, o suicídio possuía um caráter até mesmo elogioso, pois: “O pagão carecia da determinação espiritual de um si-mesmo, por isso ele julgava deste modo o suicídio [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.82). A afirmação contida na obra direciona-se ao julgamento do pagão antigo sobre o suicídio, mas pode estar intimamente associado à principal concepção acerca da morte voluntária que persistiu ao decorrer da história, opondo-se às diversas interdições, isto é, o estoicismo. Além disso, é enunciado que, ainda sob o prisma do paganismo, o suicídio representa um mero ato possível dentre os demais, o que confere a conotação de indiferença diante do autoextermínio. Novamente, a crítica realizada em *A doença para a morte* pode ser orientada ao persistente estoicismo, que preconiza a imperturbabilidade da alma e, como consequência, o alheamento diante da morte. “Se a *presença* da morte é incapaz de nos perturbar, se ela nos é *absolutamente alheia*, por que tratá-la como um mal?” (GONDIM; MARTINS, 2021).

Todavia, para Kierkegaard/Anti-Climacus o indivíduo que se orienta por tais preceitos encontra-se em desespero, sendo o seu agonizar espiritual determinado, precisamente, por julgar o suicídio deste modo: “Portanto, não se pode dizer que o suicídio fosse desespero, o que teria sido um irrefletido *hysteron-proteron*; deve-se dizer que o fato de que o pagão julgava deste modo o suicídio era desespero.” (KIERKEGAARD, 2022, p.82). Sendo assim, o suicídio não necessariamente representa o desespero, mas a concepção que o pagão nutre

referente ao suicídio efetiva a condição, pois a rebelião e o crime contra Deus representados pelo ato seriam desconsiderados. Sem embargo, a concretização do suicídio ainda é realizada por um indivíduo em desespero, pois o que propõe Kierkegaard/Anti-Climacus é a exposição de que o desespero é precedido por um julgamento deliberado, mesmo que inadequado, sobre o suicídio. Tal abordagem contrapõe-se à concepção de que a consumação do ato seja uma consequência isolada e descontextualizada das crenças individuais. Logo, a visão desesperada do suicida não se encontra apenas na efetivação da morte voluntária, mas reside na falta de seriedade e na superficialidade com que o indivíduo julga o suicídio. A relação proposta revela um aprofundamento do eu na obra, indicando que as questões existenciais e as reflexões de ordem subjetiva desempenham um papel proeminente e imprescindível para a compreensão da enfermidade mortal.

Outrossim, para São Tomás de Aquino, além da morte voluntária representar um atentado contra a figura divina, também implica em uma injustiça contra a sociedade e propriamente contra si mesmo, sendo assim uma tríplice ofensa (PUENTE, 2008). Além disso, como explicitado por Gondim e Martins (2021, p. 91): “Independentemente do pecado cometido, quando alguém se suicida para dele se redimir, comete uma heresia mais grave ainda, que é impedir a possibilidade da penitência e da conversão”. Isto pode ser comparado ao entendimento kierkegaardiano no qual a morte encerra a possibilidade da saída do desespero e, portanto, do processo de tornar-se si mesmo. Assim, tanto para Aquino, quanto para Kierkegaard/Anti-Climacus o suicídio representa o fechamento de uma possibilidade no mundo terreno, seja esta a conversão ou a tarefa essencial de tornar-se si mesmo e, portanto, configura-se como um ato reprovável.

Adiante, no período renascentista há uma retomada das concepções clássicas sobre o suicídio através da admiração recaída sobre a moralidade greco-romana e sobre seus pensadores. Em um primeiro momento, a mentalidade medieval ainda se perpetua, caracterizando uma forte interdição ao suicídio, tanto do ponto de vista jurídico quanto da moralidade na época (MINOIS, 2018). Um aspecto a se destacar trata-se da associação continuamente feita entre o suicídio e a afecção do espírito denominada desespero, o qual seria dotado de causas advindas da imoralidade e da provocação satânica, assim como preconizado no medievo (MINOIS, 2018). Neste ponto, tal estado pode ser comparado ao desespero kierkegaardiano, uma vez que ambos poderiam ocasionar e anteceder o suicídio. No entanto, existe um aprofundamento subjetivo no desespero em *A doença para a morte*, pois esta condição encontra-se diretamente ligada ao desencontro com o si-mesmo pertencente a cada indivíduo e, portanto, trata-se de uma questão existencial, que ultrapassa o

campo da moral e da religião – embora esteja intrinsecamente ligado ao entendimento cristão, mas não se restringe unicamente a esse panorama (KIERKEGAARD, 2022). Retornando ao panorama renascentista, percebe-se que o desespero como motivador do suicídio fora constatado, por vezes, dentre pessoas influentes na sociedade: “Entre os notáveis, o principal motivo invocado é o desespero [...]” (MINOIS, 2028, p.73). Assim, pode ser retomado o entendimento kierkekagardiano acerca da universalidade do desespero, de forma que tal enfermidade é passível de atingir todo e qualquer indivíduo, seja este pagão ou cristão, rico ou pobre, homem ou mulher. Em suma, a doença do espírito não pode ser evitada por fatores exteriores ao sujeito, o que evidencia o seu caráter dotado de interioridade, requisitando um encontro do indivíduo com o seu si-mesmo para a efetivação da síntese que o compõe, de acordo com Kierkegaard/Anti-Climacus (KIERKEGAARD, 2022).

Por conseguinte, o período inicial do Renascimento é marcado pela efervescência no âmbito religioso a partir de embates entre luteranos, calvinistas, anglicanos e católicos, o que fortalece, a princípio, a herança da mentalidade medieval (MINOIS, 2018). Apesar disso, o suicídio passa a ser mais repercutido e discutido do que no período anterior, aparecendo frequentemente na literatura, no teatro e nas obras artísticas. Esse movimento encontra-se alinhado ao panorama de questionamentos e de rompimento das certezas vigentes, delineando um contexto que propicia a revisão sobre as concepções que permeiam a morte voluntária (MINOIS, 2018). Dessa forma, torna-se proeminente a discussão fomentada por Montaigne acerca da morte autoinfligida, o qual, através de exemplos e casos particulares, realiza um panorama geral explorando motivos favoráveis e contrários ao ato (PUENTE, 2008). Assim, o suicídio deixa, gradualmente, de ser discutido visando conclusões universais e a partir de convenções generalizáveis, sendo então observado sob a ótica dos casos particulares e individuais, demonstrando a urgência em contextualizar o ato e não o rechaçar de maneira indiscriminada (MINOIS, 2018). No entanto, Montaigne não realiza um elogio ou uma defesa à morte livre, pois enuncia que somente motivos razoáveis seriam capazes de justificar tal ato, como a evitação de um enorme sofrimento ou dor e a fuga de uma inevitável morte brutal (PUENTE, 2008).

Sob esse panorama, apesar do processo de secularização sobre o entendimento da morte voluntária, as autoridades não modificam a proibição ao suicídio, pois a presença deste fenômeno no corpo social desvelaria a própria falha da coletividade. Logo, o suicídio se apresentaria como uma acusação da falha dos dirigentes, perturbando a ordem social e gerando descrença nas instituições (MINOIS, 2018). Outro aspecto manifesto sobre a secularização do suicídio diz respeito à substituição do termo desespero - comumente

atribuído em uma acepção religiosa - para o entendimento da melancolia, advindo de uma compreensão mental do indivíduo, embora ainda dotada de imprecisão e, até mesmo, misticismo (MINOIS, 2018). Assim, através de um processo gradual e lento, mas contínuo, a morte voluntária começa a ser compreendida a partir de perspectivas mais individualizadas, buscando a compreensão do fenômeno por meio de variáveis que ultrapassam o âmbito religioso.

Ainda na Modernidade, durante o período iluminista percebe-se um afrouxamento dos estigmas que permeiam a morte voluntária, sendo que o termo “suicídio” é cunhado no século XVII para designar, de forma mais específica, o que até então era compreendido como a morte voluntária ou como o homicídio de si mesmo (MINOIS, 2018). A tolerância em relação ao suicídio é ampliada continuamente, a despeito da persistente repressão estatal ao ato, pois este continua configurando uma ameaça contra a organização social e contra o êxito das instituições, o que implica a continuidade de sua interdição no âmbito jurídico (MINOIS, 2018). A respeito das posições filosóficas mais proeminentes e identitárias do período, Minois (2018, p.274) afirma que: “Os filósofos iluministas amam demais a vida para imitar esse gesto desesperado.”. Mesmo sob um enfoque laico, a morte voluntária não é conceituada de forma elogiosa durante o século das luzes, um exemplo disto é a posição kantiana acerca do ato, que defende a preservação da vida como um dever do indivíduo (PUENTE, 2008). Entretanto, apesar da hegemonia de concepções filosóficas contrárias ao suicídio, é circunscrito um panorama de dúvidas e de hesitação nos posicionamentos acerca do tema, além de ser notável a consideração pacífica da morte, envolta pela tranquilidade diante do desconhecido que representa o encerramento da vida (MINOIS, 2018).

Nesse sentido, Hume se destaca de maneira particular através da tentativa de romper com os argumentos contrários ao suicídio, elaborando alegações que abalam a tríade tomista, ou seja, Hume contraria a tese de que a morte voluntária seria um ataque contra Deus, contra a sociedade e contra o próprio indivíduo (PUENTE, 2008). Ademais, a modernidade é marcada pelo destaque na racionalidade e na liberdade, características constituintes do ser humano e enfatizadas a partir da filosofia cartesiana, que considera o sujeito cognoscente guiado pela razão e pelo discernimento individuais, desvinculando-se da orientação exclusiva das normas religiosas (GONDIM; MARTINS, 2021). Destarte, a morte voluntária é atravessada pela racionalização dos argumentos, espraiando-se para o campo da medicina; assim, a tentativa de compreender o ser humano também se entrelaça com o advento da psiquiatria (MINOIS, 2018). Desponta a possibilidade da descriminalização do suicídio, uma vez que a suposta ação do diabo já não é mais o fator primordial atribuído ao ato, cedendo lugar a argumentos e

justificações de ordem racional e advindos da experiência humana. Assim, no período demarcado pela eclosão da Revolução Francesa, o entendimento do suicídio se afasta definitivamente da esfera da moral religiosa, tornando-se um fenômeno que convoca uma investigação mais ampla, permeada pelo prisma sociológico, psicológico e político, isto é, através dos aspectos intrinsecamente humanos (MINOIS, 2018).

Sendo assim, a psiquiatria e a sociologia se elevam a uma posição de destaque nas tentativas de compreender o suicídio, o comportamento humano e a inserção do fenômeno no corpo social (MINOIS, 2018). No campo sociológico, o suicídio passa a ser analisado sob a perspectiva das influências e causas sociais, enquanto no contexto psiquiátrico, os suicidas são tratados a partir de um modelo punitivo e com técnicas coercitivas, aproximando-se dos procedimentos torturantes direcionados às perversões (MINOIS, 2018). Finalmente, no século XIX, o pensamento de Kierkegaard se destaca por pronunciar a dimensão existencial do indivíduo, erigindo questões intrínsecas à experiência humana, como o desespero, a angústia e a liberdade, temática essa que, posteriormente, irá influenciar o percurso filosófico e até mesmo psicológico. Por meio da ênfase na existência e em seus aspectos relacionados, Kierkegaard transfere o debate sobre o suicídio para o campo da individualidade, mesmo que ainda permeado por um entendimento cristão. O cristianismo que percorre o seu pensamento não obstaculiza a ênfase no homem enquanto indivíduo, ao contrário, a sua filosofia se assenta no entendimento que o autorrelacionamento e o relacionamento com Deus são necessários e interligados, sendo que um não prescinde o outro.

Assim, o arcabouço kierkegaardiano é permeado pelo destaque à importância da subjetividade, especialmente considerando o contexto histórico em que o filósofo viveu, na Dinamarca do século XIX (ALMEIDA; VALLS, 2007). Nesse período, a religião estava entrelaçada ao poder estatal, resultando em uma população que se autodenominava cristã por conformidade e irreflexão, sendo criticada por Kierkegaard como uma Cristandade destituída de autenticidade e fé, o que somente se faz possível a partir da autoconsciência (ALMEIDA; VALLS, 2007). Há uma aparente aproximação do conjunto filosófico de Kierkegaard com aquilo que configurar-se-á como o existencialismo, destacando os filósofos Camus e Sartre. Apesar do afastamento de ambos os pensadores subsequentes em relação à importância da fé para o eu - aspecto imprescindível em Kierkegaard - as suas formulações sobre a existência individual dotada de liberdade podem ser compreendidas à luz da influência kierkegaardiana (LINS; GRUNEWALD, 2018; PAULA, 2018). Da mesma forma, é importante compreender que até mesmo as diferentes facetas do existencialismo ateu iniciado no século XIX foram

impactadas pela religião e pela tradição medieval, as quais demonstram a valorização de aspectos da existência a partir de uma perspectiva espiritual.

Por fim, Feijoo (2019) aponta que na contemporaneidade a concepção acerca do suicídio, apesar de múltipla, carrega a influência das determinações médicas, cristãs e jurídicas, o que incorre, por vezes, em um caráter moralizante do ato. Os julgamentos morais que permeiam o fenômeno se afastam da busca pelo entendimento individual e contextualizado sobre os sentidos particulares que permeiam o ato. Assim, como enunciado por Minois (2018, p.410): “Dispomos hoje de todas as informações estatísticas sobre o suicídio, mas a questão de fundo pouco avançou, e não avançará enquanto se admitir tacitamente que é óbvio que viver a qualquer preço é melhor do que a morte.”. Então, pode-se refletir sobre a existência de uma contradição entre a exaltação da liberdade individual e a velada repulsa pela escolha do suicídio na contemporaneidade. Essa tensão se mantém como uma vigorosa defesa da vida em todas as circunstâncias, implicando que, mesmo diante do sofrimento e da dor, tais condições são consideradas mais aceitáveis do que a escolha deliberada pela morte. A postura apontada acompanha e sustenta a manutenção do tabu em torno do suicídio, além de contribuir para a redução dos debates sobre o tema (FEIJOO, 2019; MINOIS, 2018).

5. A CURA É POSSÍVEL?

Compreende-se o desespero como a enfermidade do espírito na qual o sujeito se encontra alheio de seu si-mesmo, contudo, ao adquirir a noção de Deus, o desespero se aprofunda e qualifica-se como pecado. O pecado é, então, a presença do desespero diante de Deus, como compreendido em: “A ênfase está no *diante de Deus*, ou que se tenha a noção de Deus; o que torna o pecado dialética, ética e religiosamente o que os juristas chamam de desespero ‘qualificado’, é a noção de Deus.” (KIERKEGAARD, 2022, p.117). Dessa forma, destaca-se a marcada perspectiva cristã de Kierkegaard/Anti-Climacus ao conceber a intensificação do desespero segundo a posição do indivíduo diante de Deus, sendo Ele o poder que fundamenta e estabelece a relação que se relaciona consigo mesma. Nesse sentido, o pecado vai além da violação de normas ou regras, mas se constitui como uma falha ou ruptura na relação estabelecida de maneira pessoal e interior com a figura transcendental e, conseqüentemente, no desarranjo ao tentar tornar-se si mesmo. É necessária uma reconciliação com Deus, o que se sucede através da fé, descrita como “[...] que o si-mesmo ao ser si mesmo e ao querer ser si mesmo, se funda transparentemente em Deus.” (KIERKEGAARD, 2022, p.123).

Para tanto, urge a realização do salto de fé enquanto um compromisso individual e intransferível, que ultrapassa a racionalidade e a compreensão objetiva (SANTOS, 2021). Assim, as questões referentes à existência não podem ser circunscritas em tentativas de racionalização e de mediações lógicas, pois a fé não se perturba pelo feitio da racionalidade em querer exaustivamente assegurar-se de seus objetos e de formar as suas certezas. O verdadeiro exercício da fé se dá por meio de um salto e, nesse sentido, um salto que carece do abandono da pretensão de entender aquilo que não carece de entendimento, pois a existência conserva um caráter obscuro e misterioso que não se resolve pelo emprego de técnicas, prescrições, métodos ou regras lógicas (SANTOS, 2021). No entanto, ao concretizar a morte voluntária, o suicida cessa a possibilidade de reconciliação com o poder estabelecido e realiza um salto para a morte, deixando incompleta a tarefa inalienável da existência de tornar-se si mesmo. A saída do desespero permanece latente enquanto o indivíduo vive, respira e se transforma, pois, o tornar-se não está posto como um destino final, mas como um processo que se desdobra continuamente ao longo da vida. Assim, a existência é a própria oficina de cura que o suicida nega ao tentar desvincular-se da vida temporal e desafiar a eternidade que compõe a síntese. Sob essa perspectiva reside o equívoco do suicida, que se afasta de si mesmo, opõe-se ao si-mesmo que é e efetiva o salto para a morte.

Contudo, o exercício autêntico da fé e o estabelecimento da relação íntima com o próprio eu e com a figura divina não implica na anulação de todo sofrimento, em um estado de perfectibilidade ou na impenetrabilidade de mazelas contingentes. Antes disso, trata-se de não se perder entre os extremos da existência, seja na exacerbação da infinitude ou da finitude, na dicotomia entre necessidade e possibilidade, ou, ainda, na ânsia por ser si mesmo ou por não o ser. Não se desesperar consiste em ancorar-se plenamente no poder que fundamentou o espírito, permitindo que a síntese se concretize sem a desregulação dos polos dialéticos. Essa concretização do si-mesmo não incorre na perda da tensão entre os termos conceituais, pois, assim, a dialeticidade característica das dimensões apresentadas seria perdida, sendo este caráter de oposição fundamental e imprescindível para a antropologia kierkegaardiana. Da mesma forma, o caminho para a cura do desespero não se mostra de maneira simplificada, pois, apesar de suceder uma exposição aprofundada acerca da enfermidade mortal, Kierkegaard/Anti-Climacus não se detém na prescrição de uma cura esquematizada e definitiva. É, então, um equívoco supor que as questões associadas à existência seriam desprovidas de complexidade, uma vez que a dimensão espiritual do ser humano instiga dilemas e indagações que não afligem os animais desprovidos de tal esfera. Analogamente, os desafios da vida cotidiana e os sofrimentos que dela emanam também são intrincados, haja vista que o indivíduo os enfrenta enquanto ser espiritual.

Em geral é uma grande estupidez, e é apenas falta de entendimento do que seja espírito - e, além disso, a incompreensão de que o ser humano é espírito, não apenas uma criatura animal - pensar que as coisas deveriam ser tão fáceis no que diz respeito a fé e sabedoria que, sem mais nem menos, elas realmente surgiriam com o passar dos anos assim como dentes, barba e coisas semelhantes. (KIERKEGAARD, 2022, p.95).

À vista disso, é patente que alcançar a cura da enfermidade mortal, predecessora da experiência suicida enquanto agravamento da condição, não é um dever de fácil resolução. Apesar de ser um caminho que atravessa indiscutivelmente o exercício da fé, em primeiro lugar, faz-se necessária a compreensão individual acerca do desespero e do estado desesperado em que o próprio sujeito se encontra. Sendo assim, a autoconsciência é indispensável para apreender a doença que assola o espírito e, por conseguinte, encontrar o seu antídoto: “Em termos gerais a consciência, ou seja, a autoconsciência, é o decisivo em relação ao si-mesmo.” (KIERKEGAARD, 2022, p.61). Logo, ao defrontar-se com o próprio eu, refletindo de maneira íntima sobre si, o sujeito compreende que é mortalmente enfermo e, ao compreender que é mortalmente enfermo, torna-se capaz de enfrentar a doença: “[...] aquele que sem fingimento diz que está desesperado, está um pouco mais próximo, um passo dialético mais próximo de ser curado do que todos aqueles que não são considerados como

tais e que não se consideram como desesperados.” (KIERKEGAARD, 2022, p. 58). No processo de cura, a questão do eu emerge, então, como um elemento crucial, pois, ao explorar a estrutura do desespero, evidencia-se que a sua superação requer o reconhecimento de sua própria interioridade. Demanda-se um entendimento profundo e íntimo de si mesmo, uma busca pela autonomia e a assunção da responsabilidade individual. Em suma, o atravessamento do desespero não apenas requisita a identificação de sua presença, mas exige uma jornada recôndita e individual de aproximação consigo, desprendendo-se do estado de alienação em relação ao próprio si-mesmo.

Nesse sentido, a fé cristã é apresentada por Kierkegaard/Anti-Climacus ao demonstrar o aprofundamento necessário para a construção da subjetividade na obra, pois o cristão encontrar-se-ia mais consciente em relação à doença para a morte, como evidenciado em: “A possibilidade dessa doença é a superioridade do ser humano em relação ao animal; estar atento a essa doença é a superioridade do cristão em relação ao ser humano natural [...]” (KIERKEGAARD, 2022, p.45). Essa escala superior na qual o cristão se encontraria pode ser justificada pela clareza que o mesmo possui acerca da eternidade, pois este nutre a crença na capacidade de superar a morte fisiológica do corpo material em direção a uma vida eterna do espírito imaterial. Além disso, é possível perceber que o paganismo é equiparado por Kierkegaard/Anti-Climacus ao modo de ser de uma criança, o que caracterizaria o homem natural, enquanto o cristão estaria em uma relação de proximidade com aquele que atingiu a maturidade. “Tal é a relação entre a pessoa natural e a cristã; é como a relação entre uma criança e um homem: aquilo que faz a criança tremer, o homem desconsidera.” (KIERKEGAARD, 2022, p.38). Além disso, o desespero se enquadra como apenas um fragmento – mesmo que o mais distintivo e característico - da doença para a morte, tendo em vista que a doença espiritual é marcada pelo pecado, quando aprofundada diante de Deus. Por isso, a cura para o agonizar interno não poderia prescindir a dogmática.

Apesar disso, é necessário compreender que a inserção do homem na Cristandade, para Kierkegaard/Anti-Climacus, não necessariamente garante a cura da doença, tendo em vista que a crença na religião institucionalizada não representa uma consequente aproximação com a fé ou a efetivação da síntese constituinte. “E em todo o caso ninguém viveu e ninguém vive fora da Cristandade sem estar desesperado e, na Cristandade, ninguém, caso não seja um verdadeiro cristão, e, não o sendo inteiramente, ainda está um pouco desesperado.” (KIERKEGAARD, 2022, p.53). O cristianismo apresentaria, então, uma intensificação da subjetividade por não se tratar de uma posição natural, mas de uma escolha individual realizada por um sujeito consciente e autônomo. Nesse sentido, a cura atravessa o percurso

religioso preconizado por Kierkegaard/Anti-Climacus, mas a ênfase na subjetividade não é perdida, haja vista que a efetiva relação com Deus carece do encontro subjacente com o próprio si-mesmo, assim como a má relação com Deus é refletida pela prévia má relação consigo: “[...] a má relação nessa relação que é para si também se reflete infinitamente na relação para com o poder que a estabeleceu.” (KIERKEGAARD, 2022, p.45). Da mesma forma, como depreendido anteriormente, a tentativa de estabelecer uma conexão com a figura divina pode se suceder de maneira inadequada, quando o indivíduo é infinitizado e não consegue retornar a si mesmo. Este afastamento subjetivo ao tentar aproximar-se do poder estabelecido é emblemática do desespero da infinitude, no qual há um tipo de desespero denominado de “fantástico-religioso” (KIERKEGAARD, 2022, p.65). Destarte, a importância do relacionamento interior persiste como um fator que auxilia na cura do desespero, o que não é sobrepujado ou disposto em nível inferior em relação ao papel da fé.

Nesse contexto, ao concretizar a morte autoinfligida, o suicida cessa as possibilidades de recuperação, permanecendo espiritualmente enfermo para além da realidade temporal. A morte escolhida por esse indivíduo contrasta com um outro tipo de morte considerado necessário ao longo da existência e que se sucede ainda em vida. Kierkegaard/Anti-Climacus enuncia: “Assim também na terminologia cristã a morte é expressão da maior das misérias espirituais, e, contudo, a cura está em morrer, em morrer-para.” (KIERKEGAARD, 2022, p.33). A expressão “morrer-para” é erigida como um imperativo crucial para a jornada existencial do indivíduo que busca tornar-se si mesmo. A ideia de “morrer-para” se encontra distante da evocação de uma morte física, sendo um preceito que delinea um processo de transformação interna, em que reside a renúncia às trivialidades através do desvelar das amarras que prendem o sujeito às efemeridades. Trata-se de uma morte para o pecado, renunciando a externalidades que possam desviar a atenção do indivíduo de sua tarefa, concentrando-se em uma busca mais profunda e significativa pela efetivação de sua síntese. Dessa forma, ao averiguar a tradução inglesa de *A doença para a morte*, é possível notar a utilização da denominação “to die to the world” em lugar de “morrer-para”, o que pode expandir a compreensão do termo (KIERKEGAARD, 1980, p.12). A concepção da morte para o mundo pode ser clarificada como uma interrupção intencional da mundanidade que não concorre para o aprofundamento do espírito, despojando-se, assim, das camadas externas que obscurecem a cura da enfermidade mortal.

Além disso, a ideia de morrer para o mundo se aproxima de uma interpretação bíblica fortemente corrente no início do Renascimento, concernindo a um tipo diferente de suicídio, o suicídio espiritual (MINOIS, 2018). Assim, tendo em vista a condenação cristã da morte

voluntária, este ato poderia ser transfigurado e sublimado através de uma postura equivalente, porém permitida, o suicídio espiritual. A morte espiritual se direciona ao mundo e a si mesmo por meio de um total desinteresse: “[...] isto é, morrer para o mundo e para nós mesmos por meio de um desinteresse completo, uma espécie de suicídio espiritual que, sob vários aspectos, é um substituto do impossível suicídio físico.” (MINOIS, 2018, p.83). Apesar da aparente similaridade com o entendimento apresentado por Kierkegaard/*Anti-Climacus*, é preciso destacar que *A doença para a morte* apresenta um percurso de construção do eu, ressaltando a dimensão subjetiva do existente e, portanto, a necessidade de apropriar-se de sua própria identidade. Nesse sentido, o morrer-para preconizado na obra não pode ser reduzido a um desinteresse generalizado e direcionado ao próprio eu e ao mundo, mas, antes disso, diz respeito à renúncia do pecado e ao afastamento daquilo que pode contribuir para a alienação do sujeito em relação ao seu si-mesmo. Logo, morrer-para é precisamente o oposto de alhear-se de si próprio e de colocar-se como indiferente em relação à realidade, uma vez que a efetivação adequada da síntese requisita uma postura ativa e implicada na conciliação consigo e com o poder transcendental.

Nesse trajeto de busca pela cura, destaca-se a referência que Kierkegaard/*Anti-Climacus* realiza à figura do “conhecedor da alma”, que reconhece a doença do espírito da mesma maneira que o médico identifica uma doença do corpo (KIERKEGAARD, 2022, p.55). O conhecedor da alma é capaz de discernir o desespero mesmo quando este é inconsciente e, portanto, desconhecido pelo próprio indivíduo, o que o assemelha ao hodierno papel do psicólogo. Não obstante a sua habilidade em diagnosticar a enfermidade mortal, a função de curar o indivíduo não lhe é atribuída, diferenciando-o do médico. Ao contrário da medicina, que visa diagnosticar, prescrever e tratar, o conhecedor da alma possui capacitação para a compreensão e para o diagnóstico, mas não indica o percurso a ser seguido em busca do antídoto e nem sequer aponta a sua fórmula. Assim, destaca-se o papel do próprio indivíduo em encontrar a cura e adquirir o seu si-mesmo de maneira autônoma e individual. Não são apontadas respostas definitivas, terapêuticas ou soluções diretas para o mal espiritual. Isso pode ser justificado pela resistência do autor em apresentar formulações determinantes e prescrições para questões relacionadas à existência individual (MJAALAND, 2008). Sendo a consciência da doença e a consciência de si fundamentais para livrar-se do desespero, não seria possível que tal incumbência fosse transposta a outro sujeito senão ao próprio existente. Logo, cabe a cada indivíduo, de maneira autônoma e como tarefa intransferível, adquirir consciência de seu próprio relacionamento consigo mesmo e, assim, encontrar o caminho

particular para a cura da enfermidade espiritual, implicando-se ativamente em sua busca pessoal.

É justamente aquilo que é da ordem do mistério que os modernos querem resolver por meio de teorias e o posicionamento das causas e seus consequentes efeitos. Assim acontece com o suicídio, ou seja, trata-se do mistério que a ciência tenta explicar e prevenir para resolver, ou seja, extirpar esse mal. A ciência se esquece do caráter de mistério que toda a vida em seus caracteres existenciais comporta. Por isso o fenômeno do suicídio sustenta uma incontornabilidade e, quando tentamos dar-lhe contornos, o fenômeno se retrai e, então, não podemos mais ver o modo de acontecer do fenômeno de dar fim à vida (FEIJOO, 2019, p.164).

Ao deter-se no apontamento realizado por Feijoo é possível o transportar para o contexto de *A doença para a morte*, no qual a subjetividade e a experiência particular são sobrepostas acima de qualquer tentativa de encaixe do indivíduo nas expectativas mundanas. Assim, na ânsia de compreender, o sujeito busca desvendar os enigmas da existência de maneira rígida, através das lentes da razão, afastando-se da dimensão da experiência vivida que habita as questões do eu. Contudo, ao deparar-se com a insuficiência da razão, a ilusão se desfaz e depara-se com a inquietude que permeia a vida e os seus enigmas. Inserido nesse cenário encontra-se a problemática do desespero, sendo este um entrave que dificulta e assombra o indivíduo internamente, afastando-o de sua própria identidade. Dessa forma, o desespero introduz o ser humano à consideração do suicídio enquanto possibilidade, pois o julgamento precipitado que realiza sobre o ato é sintomático em relação à doença que o aflige. Logo, o ímpeto de solucionar os mistérios existenciais através de análises pautadas em causas e consequências parece persistir na falha, pois os sistemas e técnicas não abarcam o mistério da vida. É, então, na capacidade de manter a perplexidade diante dos fenômenos da existência que se torna possível o encontro do si-mesmo com si mesmo.

6. CONCLUSÃO

Ao visar a elucidação da questão do suicídio em *A doença para a morte* a partir de sua relação com o desespero, fez-se necessário o estabelecimento de um percurso investigativo. Inicialmente, compreendeu-se que a doença para a morte, isto é, o desespero representa um tipo distinto de afecção, sendo uma enfermidade que não debilita o corpo, mas se instala precisamente no espírito. O aprofundamento subjetivo mostrou-se a partir deste momento, pois a saída para a condição na qual o desesperado se encontra somente é alcançada por meio do processo de tornar-se si mesmo. Este restabelecimento espiritual é tarefa essencial da existência, sendo necessário que a sua concretização se suceda durante a vida temporal, pois nem mesmo o padecimento do corpo e a deterioração de sua matéria orgânica são capazes de barrar aquilo que provoca agonia no si-mesmo.

Dessa forma, o desesperado deseja cessar o seu sofrimento, que se assemelha a um morrer em vida, e, para isso, pode vislumbrar até mesmo a morte como uma possibilidade, defrontando-se com a ideação suicida. Contudo, nem mesmo o falecimento é capaz de solucionar a sua condição, uma vez que a mazela atinge o espírito, instância constituída pela dimensão da eternidade. Depreendeu-se, então, que a questão do suicídio não pode ser compreendida senão sob a sua relação com o desespero, haja vista que ambos são nutridos pelo desejo de um desfecho, aproximando a doença para a morte da ideação suicida. Assim, foi possível considerar o suicídio enquanto um agravamento da enfermidade mortal, o que ocorre quando um indivíduo desesperado incorre em um salto para a morte, que o impede de curar-se espiritualmente e de completar a sua tarefa essencial, tornando-se suicida. Baseando-se na correspondência existente entre o suicida e o desesperado, estabeleceu-se um paralelo entre as gradações de desespero preconizadas na obra e as suas possíveis manifestações no desesperado, o que se intensifica em direção à morte voluntária.

Em seguida, fez-se relevante a proposição de um panorama contextualizado sobre a evolução das diferentes concepções do suicídio na história, com o fito de identificar as diferenças e as aproximações das principais perspectivas vigentes em relação à ótica de Kierkegaard/Anti-Climacus em *A doença para a morte*. A interdição ao suicídio destaca-se na obra, o que se sustenta pela noção de crime ou rebelião contra Deus que a morte autoinfligida representaria. Logo, o erro do suicida não reside somente na concretização do ato, mas igualmente na consideração errônea que se nutre do autoextermínio enquanto uma possibilidade para a resolução dos dilemas existenciais. O pagão representa, neste sentido, um indivíduo que nega a gravidade do suicídio diante da figura divina, tratando a ação de maneira

indiferente e considerando-a uma mera possibilidade dentre as demais. Entretanto, a consciência nítida e clara da morte autoinfligida também é viável e, se com a consciência do ato o indivíduo opta por realizá-lo, ainda maior é o desespero que o suicida carrega consigo.

Por conseguinte, após a exposição dos aspectos supracitados, um questionamento despontou: a cura é possível? Como curar-se de uma doença que não é possível ver, tocar e, a depender de seu tipo, sentir? Há um antídoto que resguarde o espírito do desespero tal qual a medicação prescrita pelo médico preserva o corpo? A resposta não é fácil, pois perpassa o trajeto de cura particular de cada existente que assume a tarefa de ser si mesmo e efetivar a síntese que o integra. Apesar disso, a fé cristã atravessa profundamente a obra, sendo apresentada como o aspecto principal que aproxima o espírito de seu poder estabelecedor e rege o caminho de recuperação da enfermidade espiritual. Tornou-se reconhecível que a ênfase na subjetividade permanece, pois a diferença posta por Kierkegaard/Anti-Climacus entre o cristão e o homem comum reside justamente no aprofundamento subjetivo que aquele possui para estabelecer uma relação com a figura divina, afinal, a relação consigo mesmo precisa ser consolidada para firmar igualmente a relação com o poder transcendental. Não existem respostas prontas e soluções definitivas para explicar o processo de tornar-se, afinal, que o si-mesmo seja si mesmo é uma tarefa individual que requisita a implicação interior do individual na construção de quem se é.

Portanto, ao questionar a relação entre o suicídio e o desespero existencial em *A doença para a morte*, concluiu-se que a enfermidade mortal e o autoextermínio permanecem como uma tensão dialética que envolve o desejo de morrer e o seu impedimento imposto pela vida. Logo, um espírito que sofre e agoniza não encontra na morte temporal a sua saída, mas, ao tornar-se suicida, depara-se com o fechamento de suas possibilidades de cura através da autodestruição. Entre a realidade da morte do corpo e a impossibilidade da morte do espírito o desesperado que se agravou enquanto suicida persiste como um moribundo de seu próprio eu.

REFERÊNCIAS

ABE, Paulo Ricardo Gomides. O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: Melancolia, Preguiça, Vertigem e Suicídio, **CADERNOS IHU IDÉIAS (UNISINOS)**, v. 19, p. 5 - 21, 2021. Disponível em:

<<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/312cadernosihuideias.pdf>>.

Acesso em: 3 ago. 2023.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1985.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Tradução: Ari Roitman, Paulina Watch. 18 ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2022.

FAÇANHA, Luciano da Silva; SOUSA, Leonardo Silva. Angústia e desespero como possibilidade de construção da existência humana a partir da filosofia de Sören Kierkegaard. **Conjectura: filos. e Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 2, p. 307-324, maio 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217846122018000200307&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 ago. 2023

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. 158-173, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672019000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 ago. 2023.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GONDIM, D. S. M.; MARTINS, P. M. O suicídio na história do pensamento ocidental da antiguidade à psicanálise. **Humanas Sociais & Aplicadas**, v. 11, n. 30, p. 86-103, 14 abr. 2021. Disponível em:

<https://ojs3.perspectivasonline.com.br/humanas_sociais_e_aplicadas/article/download/2269/2033/>. Acesso em: 8 jun. 2023.

KLEMPE, Sven Hroar. **Kierkegaard and the rise of modern psychology**. New York: Routledge, 2017.

KIERKGAARD, Søren A. **A doença para a morte**. Tradução: Jonas Roos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KIERKEGAARD, Søren A. **O conceito de angústia**. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KIERKEGAARD, Søren A. **The Sickness Unto Death**. Tradução: H. V. Hong & E. H. Hong. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, 1980.

LINS, Rafael de Castro; GRUNEWALD, Aline Leite. O rosto divino do Absurdo—do suicídio de Kierkegaard. **FronteiraZ**, n. 20, p. 222-239, 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/36301/25821>>. Acesso em: 5 set. 2023.

MARTÍNEZ-GÓMEZ, Magdiel. La correspondencia crítica de la enfermedad mortal con el suicidio en el pensamiento de Kierkegaard. **Revista Filosofía UIS**, v. 18, n. 2, p. 35-52, 2019. Disponível em: <<https://revistas.uis.edu.co/index.php/revistafilosofiauis/article/view/9108/9490>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MJAALAND, Marius Timmann. Suicide and despair In: STOKES, Patrick; BUBEN, Adam J. **Kierkegaard and Death**. Indiana: Indiana University Press, 2011

MINOIS, George. **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: UNESP, 2018.

PAULA, Marcio Gimenes de. O tema da subjetividade e os limites da história: uma leitura de Sartre a partir de suas influências kierkegaardianas. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 7, n. 2, p. 52-83, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/download/38277/29935>>. Acesso em: 21 ago. 2023.

PERKINS, Robert L. **International Kierkegaard Commentary: The Sickness unto Death**. Macon: Mercer University Press, 1987.

PLATÃO. Fédon. Em: **Diálogos**. 2ª ed. Trad. J. C. de Souza, J. Paleikat e J. C. Costa. São Paulo, Abril Cultural, 1979 (Coleção Os Pensadores).

PUENTE, Fernando Rey. O suicídio e a filosofia. In: PUENTE, Fernando Rey (org). **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, pp. 9-60

SANTO AGOSTINHO. **Cidade de Deus**. Tradução: J. Dias Pereira. 2ª Edição, vol. I (Livro I a VIII), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

SANTOS, Rômulo Gomes dos. Sobre o desespero em Kierkegaard: uma crítica ao idealismo alemão. **FILOSOFIA: OS DESAFIOS DO PENSAR**, v. 1, n. 1, p. 198-219, 2021. Disponível em: <<https://downloads.editoracientifica.org/articles/210805883.pdf>>. Acesso em: 5 dez. 2023.